



# BIBLIOTECA DAS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS



★ GABRIELLA CAMPOS ★

# **Copyright © 2023 Gabriella Campos Todos os direitos reservados**

Capa: Gabriella Campos Revisão: Yasmin Callado

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. É proibida a reprodução total ou parcial obra forma ou qualquer quaisquer desta de meios eletrônicos, mecânicos e xerográfico, processo autorização por escrito dos editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para todos os criadores de histórias atormentados por seus personagens mais sombrios: eu lhes dedico esta história.

E para todos os meus personagens abandonados: espero que minha biblioteca seja confortável.

## — CAPÍTULO 1 —

Eu sobrevoava o céu sentindo o ar frio cortante contra meu rosto, em contraste com o calor do enorme dragão que me levava em direção ao fogo e à fumaça. Eu já ouvia os gritos, os sons da batalha e seu terrível cheiro.

Porém, acima de tudo, meus olhos focavam os de Moira. Ela sobrevoava a cidade em seu enorme monstro alado. Não um dragão, aquilo era uma besta, uma criação corrompida e destruidora.

E eu ia em sua direção.

Eu já não reconhecia mais nela os olhos para os quais havia crescido olhando, não havia qualquer sinal de minha irmã naquela figura diante de mim, pronta para matar qualquer um que cruzasse seu caminho. Aquela não era mais Moira, não a *minha* Moira.

A cada metro que me aproximava, era isso que eu repetia incessantemente para mim mesma, como um mantra. *Não é mais a Moira, não é mais a Moira...* 

Apesar disso, reconhecia aquele rosto, aquela expressão decidida e implacável, o semblante seguro e convicto. Ela estava plenamente convencida de que estava do lado certo, acreditava nas loucuras que dizia como uma devota cega.

Não é mais a Moira, não é mais a Moira...

A cada segundo a espada em minha mão parecia pesar mais e mais, o som da batalha ficava cada vez mais alto à medida que eu me aproximava e seu cheiro pungente chegava até mim.

Não é mais a Moira, não é mais a Moira...

Restavam poucos metros entre nós, mas o que não deveria restar era dúvida. Não depois de tudo.

Não é mais a Moira, não é mais a Moira...

Subitamente, tudo desapareceu.

Não havia dragão, Moira ou sons de batalha.

Pisquei algumas vezes, cambaleando, sentindo como se tivesse caído por vários metros, mesmo com meus pés firmes no chão.

Lentamente, tomei consciência do espaço à minha volta. Eu estava em pé, em meio a uma sala.

Não uma sala, uma biblioteca.

O som de passos e de conversas me pegou de surpresa assim que me dei conta deles, e fiquei mais surpresa ainda quando notei as curiosas figuras à minha volta.

Pessoas de todos os tipos caminhavam e conversavam de um lado para o outro, eu mal absorvia a visão: alguns vestidos com armaduras, outros com roupas simples de camponeses, alguns de maneira nobre, e eu reconheci outros semelhantes a piratas, com quem já tinha cruzado.

Porém, havia outros que eu mal poderia descrever, de roupas brancas ou prateadas, com cabelos coloridos... muitos se vestiam de forma que eu não sabia dizer ao certo o que eram ou de onde vinham. De algum lugar distante, isso com certeza.

Notei que vários deles se reuniam em volta de alguma coisa no centro da biblioteca e observavam atentos, quase solenes, enquanto outros fingiam não dar muita atenção a seja lá o que houvesse de tão interessante no centro do círculo, mas também arriscavam dar uma espiada pelo canto do olho vez ou outra.

Ainda em choque e com o coração acelerado, me aproximei. Eu precisava voltar, precisava acabar com aquilo de uma vez por todas; estavam contando comigo e, se eu não estivesse lá a tempo de impedir Moira de invadir o templo...

À medida que me aproximava, eu podia ouvir murmúrios de negação e frustração, mas não liguei para nenhum deles.

— Quem são vocês? — perguntei com o máximo de autoridade que pude reunir. — O que fizeram com Allis? — A imagem de meu dragão acorrentado e machucado imediatamente passou pela minha cabeça. Percebi que não conseguia senti-lo. O elo que me ligava a ele parecia adormecido, e eu tive a sensação de que um dos meus sentidos tivesse sido tirado de mim.

Os rostos diversos se viraram em minha direção, parecendo cansados. Porém, quando seus olhares pousaram sobre mim, o cansaço se transformou em dúvida e surpresa, e cada um parecia me olhar com estranheza em meio aos murmúrios.

- Não, eu já expliquei da última vez disse uma mulherzinha pequena com asas nas costas.
- É, e a pobre coitada está se recuperando até hoje, rainha da sutileza... — disse um homem ruivo, armado até os dentes, com um olhar cheio de julgamento para a mulherzinha.
- Ah, me poupe, Harold... reclamou a mulherzinha, cruzando os braços e revirando os olhos.
- Não se preocupem, eu falo com ela disse uma voz feminina atrás de mim.

Me virei e dei de cara com uma mulher consideravelmente mais alta que eu e, com certeza, mil vezes mais intimidadora.

Tinha a pele marcada por cicatrizes e tatuagens, os cabelos cacheados soltos, exceto por duas trancinhas que emolduravam seu rosto. Tinha braços longos e fortes e seu olhar parecia ser capaz de me fatiar ao meio. Suas roupas imediatamente a denunciaram: eu sabia que era uma pirata.

Quando me dei por conta, estava com a mão no cabo de minha espada. O olhar da mulher em frente a mim expunha o que ela significava: confusão.

— Onde eu estou? — perguntei, olhando com firmeza em seus olhos.

O sorriso da pirata apenas aumentou quando olhou para minha mão prestes a sacar a espada, como se a ideia lhe parecesse divertida.

- Nem tente, guerreirinha, a autora a fez melhor que todos nós
   comentou Harold com nojo na voz. Todos encaravam a cena em silêncio, alguns se dissipando, como se o que os atraísse para lá já não fosse mais tão interessante; outros pareciam amedrontados pela pirata.
- Ah, vamos deixá-la tentar... disse a pirata, divertida, sem tirar os olhos dos meus.

Tirei minha mão do cabo da espada. Não era lutar que eu queria — era ir embora.

— O que vocês querem? Qual de vocês me trouxe até aqui? Se Moira prometeu qualquer coisa a vocês, saibam que ela não costuma cumprir com suas promessas.

A pirata ergueu uma das sobrancelhas e fez uma careta.

- Moira? Acho que as ideias para nomes estão acabando disse ela com escárnio.
- Ah, cale a boca, você se chama *Relicta*. Isso nem se parece com um nome disse uma outra mulher que, até então, tinha ficado em silêncio. Tinha longos cabelos escuros e trajava um vestido azul de linho, cujo tom era o mesmo de seus olhos.

A pirata revirou os olhos para, então, se virar para mim novamente.

— Qual o *seu* nome?

Pisquei algumas vezes, surpresa com a pergunta e... Meu coração acelerou enquanto minha mente vasculhava seus cantos mais escuros atrás da resposta que não me chegava à língua. *Meu nome, meu nome, meu nome.*..

- Eu... comecei, sem saber como terminar a frase. Meu nome... eu... não lembro disse, por fim, sentindo minha respiração falhar.
- Um personagem sem nome? Achei diferente comentou a mulherzinha de asas enquanto eu encarava o vazio, à procura da resposta.
- Personagem? repeti a palavra que me chamou a atenção.
  O homem ruivo, Harold, lançou um olhar irritado a ela.

Todos se olhavam, meio sem jeito.

Eu já estava cansada daquilo, do que quer que fosse aquele plano ridículo de Moira; tudo o que ela queria era tirar a coisa da qual eu mais precisava naquele momento: tempo.

Em um movimento único, saquei a espada e avancei em direção à única saída que localizei — um longo corredor cujo final eu ainda não conseguia enxergar —, ignorando qualquer tentativa vã de distração que eram os gritos de impedimento da parte daquelas pessoas estranhas à minha volta.

A pirata, sem tirar os olhos de mim, provavelmente viu aquilo como uma ótima oportunidade de luta — que o tempo todo parecia ser seu objetivo — e avançou em minha direção.

Eu sequer pensei em recuar, antes mesmo de me virar por completo em sua direção, o som de nossas espadas se chocando preencheu o ambiente.

Não demorou muito para eu entender o que eles queriam dizer sobre ela.

De onde eu vinha, eram poucas as pessoas capazes de me subjugar com uma lâmina; não era qualquer luta que me fazia temer por minha vida, não depois de anos de disciplina e treinamento para me tornar uma guardiã do templo.

Mas, naquela estranha biblioteca, aquilo não parecia valer de muita coisa.

Não importava a força de meus golpes, a dela era maior; não importava minha agilidade ou o quão hábil eu era com a espada, a pirata era, de alguma forma não-natural, superior a mim.

Antes que eu me desse conta, estava no chão. Seu pé em meu peito me mantinha imóvel, e eu não era poupada da cena humilhante de minha espada em suas mãos.

— Já chega, Relicta — disse uma voz feminina, cuja origem era difícil de identificar.

O sorriso da pirata — Relicta — vacilou por um momento, e ela olhou feio para a origem da voz.

— Chegou mais uma, *Vossa Majestade*. O lugar tem ficado um pouco apertado, não acha? — disse ela com rispidez.

Não houve resposta, mas o som de passos chegou até meus ouvidos. O pé de Relicta deixou meu peito e eu arfei, puxando o ar para encher meus pulmões por completo outra vez.

Assim que recuperei o ar, me virei para ver a figura que foi capaz de parar a pirata e cuja voz exalava um ar quase místico.

Era uma mulher tão alta quanto Relicta, vestida com algo que eu nunca tinha visto — entre um vestido branco e uma armadura em detalhes prateados e dourados. Ela aparentava ser algum tipo de divindade ou realeza, talvez os dois.

Seus cachos dourados balançavam a cada passo, parecendo tão leves quanto o ar, tinha uma beleza que parecia pertencer somente aos antigos contos e às histórias de donzelas. Ao mesmo tempo, seu olhar exalava poder, como se ela fosse constituída de pura magia.

Relicta recuou um passo, mas seu olhar firme não deixou o da mulher.

— Sabe que só tem um jeito de isso acabar — disse Relicta num tom desafiador. — Se ela não *me* terminar, mais *deles* vão continuar aparecendo. — Ela apontou para mim com desprezo.

A mulher não se preocupou em responder, apenas endureceu o olhar em direção à pirata.

Relicta bufou e saiu da biblioteca, largando minha espada enquanto caminhava. Sua saída pareceu deixar o ambiente menos tenso, quase tranquilo. As pessoas voltaram a se movimentar, e eu não conseguia formular uma única pergunta seguer.

A mulher suspirou e se voltou para mim, me olhou como quem olha a bagunça que uma criança fez. Por fim, estendeu a mão e me ajudou a levantar. Murmurei um agradecimento, me sentindo humilhada. Alguns continuavam a nos olhar, meio tensos e meio curiosos.

- Eu cuido dela assegurou a mulher para eles, que assentiram com respeito e, aos poucos, se dissiparam.
- Pode me explicar o que está acontecendo? Que lugar é esse? supliquei, já não me importando com minha dignidade, tudo o que eu precisava era voltar para Moira o quanto antes para impedila. Preciso voltar imediatamente para onde eu estava ou estaremos todos mortos ao amanhecer. Não sei o que Moira disse ou prometeu, mas precisa saber que não deve ouvi-la... Minha fala morreu com o olhar piedoso e com a falta de reação da mulher à minha frente, cuja expressão era de quem ouve as súplicas infantis de uma criança.

Ela suspirou e começou a andar, me fazendo segui-la. Peguei minha espada jogada no chão e a coloquei no lugar enquanto ia atrás da misteriosa figura.

— Lamento, não posso te ajudar a voltar para casa — começou ela, me fazendo sentir como se tivesse levado um soco no estômago, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela prosseguiu: — Todos aqui apareceram como você, confusos e desesperados para voltar para casa. Retirados abruptamente de seus mundos, de suas histórias.

Eu ouvia atentamente, ansiando por uma resposta. Notei que caminhávamos em direção ao local onde várias pessoas estavam reunidas quando cheguei e me surpreendi quando me deparei com *o quê* estavam todos olhando.

Havia uma espécie de Globo de vidro preso a um suporte redondo, talvez de metal ou cobre, entalhado lindamente com abstrações graciosas. Ele parecia possuir certo brilho cintilante; em suas bordas, lembrando algo como nascentes de arco-íris e toda sua extensão exalava uma névoa prateada que se dissolvia no ar.

Porém, o que mais me surpreendeu foi a visão que eu tinha de dentro do Globo de vidro: uma mulher, com roupas que eu nunca tinha visto, sentada em sua cama — diferente de qualquer cama que eu já tinha visto — e, em seu colo, um retângulo prateado e brilhante emanava luz.

Tudo naquele ambiente era curioso e engraçado: os móveis, as roupas, os objetos... nada daquilo parecia normal ou familiar.

- O que... comecei, confusa.
- Essa é a Autora interrompeu ela, também assistindo à cena. A mulher olhava frustrada para a luz do estranho objeto prateado, lágrimas começavam a se formar em seus olhos e, quando essas por fim irromperam e escorreram por suas bochechas, ela escondeu o rosto com as mãos. Todas as pessoas que estão aqui nessa biblioteca, suas vidas, seus mundos... o *seu* mundo... tudo isso vem da Autora.

Olhei para ela, sem entender.

- Somos todos suas histórias continuou ela, me olhando com cuidado. Sua criação. Frutos de sua imaginação.
  - Eu não...
- Somos personagens. Personagens de histórias inacabadas, para ser mais precisa.

Pisquei algumas vezes, sem conseguir entender o que ela estava falando.

Me ouvi balbuciar alguma coisa, mas nenhuma frase se formulava em minha cabeça, que parecia girar com aquelas informações sem sentido algum.

A mulher me carregou gentilmente em direção a um altar de madeira no qual repousava um livro aberto. Quando paramos de

frente para ele, ela apontou para o livro, indicando para que eu olhasse melhor.

Na página aberta, estava a imagem de onde eu havia estado minutos antes: uma moça montada em um enorme dragão branco perolado, sobrevoando o céu cheio de fumaça; até mesmo Moira, em seu monstro alado, estava visível. Li as palavras escritas em uma caligrafia bonita ao redor da imagem, que descreviam meus próprios pensamentos naquele momento.

Folheei algumas páginas, assustada. Estava tudo lá: meu mundo, meus amigos, os templos... Quanto mais eu voltava as páginas, mais antigos eram os relatos exatos de minha vida, de minha jornada até ali. Parei quando uma linda imagem me chamou a atenção: eu e Moira, anos mais novas, rindo lado a lado. A lembrança de infância latejava em minha mente enquanto eu passava os dedos sobre nossas faces desenhadas.

A única coisa que não constava nas extensas páginas era meu nome. Esse aparecia borrado quando era citado. Todas as vezes.

— Eu não entendo... — murmurei.

Ergui meus olhos para a mulher, em uma súplica silenciosa.

— Como volto para casa? — perguntei.

A mulher suspirou e colocou a mão em meu ombro.

- Receio que n\u00e3o pode fazer nada al\u00e9m de esperar disse ela com calma.
- O que? Eu não tenho tempo, minha irmã... Moira... ela está completamente maluca, vai destruir tudo, o templo... As palavras morreram em meio à frase. Àquela altura, ela já teria invadido o templo. Já não tinha mais jeito, tudo estaria perdido.
- Não se preocupe, menina, seu mundo está exatamente como você o deixou — assegurou a mulher.
  - O quê?
- Se você está aqui, significa que Ela parou de escrever sua história. Seu mundo está exatamente como estava quando você chegou aqui... Vê? perguntou ela, mostrando as últimas páginas do meu livro novamente, todas em branco.
- Não sei se estou entendendo... murmurei, sentindo minha cabeça girar.

- Este lugar, onde estamos, é para onde vêm todas as histórias que ela não termina começou ela, com paciência. Ideias, esboços esquecidos, tudo o que ela nunca termina e nunca esquece acaba aqui.
- Então... não tem como eu voltar para casa? perguntei, me sentindo uma criança chorosa.

Ela me olhou com o que eu tive certeza que era pena.

— A Autora... bom, no geral, só há duas maneiras de sair daqui: se ela continuar sua história... ou se ela a esquecer.

Franzi o cenho e olhei em volta. Eram muitas pessoas, cada uma parecendo vir de um mundo mais estranho do que o outro; alguns tremeluziam e sua imagem às vezes ficava mais fraca por um segundo, como se estivessem desaparecendo. Alguns estavam totalmente translúcidos, como sempre imaginei que os espíritos dos mortos presos à vida fossem enquanto vagavam pelo mundo dos vivos. Não demorou muito para eu entender que aqueles eram os que estavam sendo esquecidos.

Tinha muita gente ali. Gente demais.

Eu nunca voltaria para casa.

Olhei em desespero para a mulher, que me observava atenta; me lembrei da conversa entre ela e a pirata que me humilhara.

— O que é que Relicta estava dizendo? Sobre continuar a aparecer mais gente?

A mulher retraiu os lábios, contrariada.

Não ouça nada do que vem da boca de Relicta — alertou ela antes de suspirar. — A Autora... Bom, passamos por alguns maus bocados algum tempo atrás. Ela criou uma nova história, a história de Relicta... Não posso dizer que aquele livro fez bem a alguém. Depois de um tempo e de páginas e mais páginas escritas, o livro começou a consumi-la. A Autora, sem perceber, criou um mal que quase destruiu esta biblioteca e todas as nossas histórias. A Praga... — A voz da mulher morreu em meio ao que quer que fosse dizer, como se subitamente se desse conta de que estava falando demais. — Enfim, não vale a pena comentar muito mais sobre isso. O que passou, passou. Não sei exatamente o que nos livrou, no fim das

contas. *Alguma coisa* fez com que ela parasse de escrever a história de Relicta e a trancafiasse aqui, alguma coisa de fora...

A mulher olhou para um dos livros na prateleira, parecendo imersa em seus pensamentos, como se ainda tentasse descobrir o que tinha parado a tal Praga.

- A história continua aqui... completei, também olhando para o livro, que deduzi conter a história de Relicta. — E Relicta também.
- Desde então, todas as histórias que a Autora começa chegam aqui. Ela não conseguiu realmente se recuperar daquela história, de Relicta. Mas sabe que, se voltar a escrevê-la... bem, isso com certeza destruiria a nós todos.

Algo em seu olhar me impediu de perguntar mais sobre o que havia acontecido na biblioteca naquele tempo, tinha a impressão de que a mulher não queria falar a respeito daquilo de jeito nenhum.

— E Relicta quer que a história dela seja escrita — comentei, começando a entender o cenário.

A mulher assentiu.

- Relicta é fruto das partes mais sombrias da Autora começou a explicar. Ela a encheu tanto de si mesma, de suas piores partes, que a tornou indestrutível até para ela mesma, e agora é o fantasma que atormenta a Autora e a nós todos.
  - Como ela não consegue destruir algo que ela mesma criou?
- A Autora encheu Relicta dos próprios medos, das próprias falhas e perversidade. Não acho que qualquer um tenha força para destruir o mal que habita dentro de si.

A encarei por alguns segundos, entendendo a situação. Não podia discordar dela, sabia o quão difícil poderia ser me livrar das piores partes de mim mesma.

- Se Relicta fosse apenas um personagem desagradável, estaríamos bem comentou a mulher. O problema de verdade é que a maldita pirata vem sabotando as histórias que a Autora cria, fazendo com que nenhuma história seja terminada até que a dela volte a ser escrita.
- E não seria essa a solução? Deixar que a história de Relicta seja escrita para depois a Autora terminar todas as outras em paz?
  perguntei, confusa.

A mulher sacudiu a cabeça com firmeza.

- Não. Se a Autora voltar a escrever a história de Relicta, será o nosso fim. Isso te garanto — disse ela num tom sombrio. — De qualquer forma, não temos qualquer poder por aqui, não temos como convencer a Autora de nada. Tudo o que podemos fazer é esperar.
  - E não tem jeito de se livrar dela? De Relicta? perguntei.
- Como eu disse, só há dois jeitos de sair daqui: sendo escrita ou sendo esquecida. A Autora não pode escrever sobre Relicta sem se destruir e muito menos esquecê-la.

A mulher suspirou tristemente.

Olhei para a biblioteca, desamparada. Eu estava presa num limbo de histórias não contadas. *Eu* era uma história não contada.

A mulher não disse mais nada; apenas caminhou, e eu, sem mais o que fazer, a segui.

— Venha, vou te mostrar o seu quarto — disse ela de costas.

Sem conseguir formular qualquer pergunta ou saber o que fazer, obedeci. Caminhei atrás da misteriosa figura enquanto examinava cada canto do lugar. Sem qualquer sinal de uma saída.

Era uma enorme biblioteca aconchegante, com altas paredes cheias de quadros. Velas e lamparinas elegantes, diferentes de qualquer uma que eu já tinha visto, iluminavam o lugar. Mesas compridas de madeira estavam espalhadas; belas e elaboradas tapeçarias preenchiam boa parte do piso polido de madeira, em que era possível enxergar meu reflexo. Os vários quadros pendurados nas paredes retratavam cenas mistas, nas quais estavam pessoas que eu via à minha volta — provavelmente em cenas importantes de seus devidos mundos.

Notei que minha guia estava em vários deles.

Ela montava um cavalo em alguns, em outros sorria esperançosa para o luar ou trajava sua armadura completa em meio a uma batalha.

Relicta estava em alguns também. Esses eram geralmente sombrios, em que ela aparecia ensanguentada, lutando, escondida, sangrando, com um olhar enfurecido... não havia cenas felizes para ela.

Notei que até mesmo eu estava ali. Eu encostava meu rosto no focinho de Allis, seu longo corpo me contornando; em outro, eu estava em minha Iniciação como Maderikhe, recebendo minha espada de guardiã. Em um deles, eu estava com Moira. Olhares de ódio estampados em nossos rostos pintados e espadas em mãos. Olhei para a cicatriz em meu braço, fruto daquele encontro.

Pisquei algumas vezes e desviei os olhos dos quadros. Não pensaria naquilo, apenas seguiria a mulher à minha frente.

— Qual o seu nome? — perguntei, por fim.

Ela se virou para mim, com um olhar divertido.

- Não tenho nome disse ela.
- Como assim? perguntei enquanto adentrávamos o extenso corredor que eu avistara antes, com portas e mais portas de ambos os lados, cada uma com uma plaquinha dourada que indicava seu dono.
- A Autora nunca conseguiu decidir um explicou ela,
   voltando a olhar para frente. Seu nome estava borrado no livro...
- Acha que eu não tenho nome? perguntei, incrédula. Eu tinha certeza de que possuía um nome, só não conseguia me lembrar qual era.
- Não... disse ela pensativa. Nunca tinha visto algo assim antes, meu nome simplesmente não aparece, sabe? O seu está borrado...

Caminhamos por mais algumas portas em silêncio antes de pararmos em frente a uma delas.

— Acho que aqui — Disse ela sorrindo para a plaquinha na porta.

A plaquinha dourada estava riscada, o nome por baixo era ilegível. Olhei para ela em dúvida, e ela deu de ombros.

 A minha não tem nome — comentou ela, respondendo minha pergunta silenciosa.

Girei a maçaneta dourada e entalhada com desenhos e formas curiosas. Parei por um segundo para olhá-las melhor; ali, entalhado, estava a forma de um dragão que dava a volta pela maçaneta, entre nuvens e picos de montanhas. Pisquei algumas vezes, surpresa, e

não consegui evitar um meio sorriso. Me sentindo um pouco mais esperançosa, entrei no quarto.

De alguma forma tudo ali era familiar: minha cama, as paredes, o piso e o cheiro. Notei uma ampla janela e, assim que meus olhos se fixaram nela, corri em sua direção. Do outro lado do vidro estava meu lar. No céu, um dragão sobrevoava livremente entre as nuvens, acima das familiares árvores do Bosque Sagrado. Eu enxergava os muros e os pássaros vigilantes... estava tudo ali, a um vidro de distância.

Coloquei minha mão no cabo da espada, tudo o que eu queria era quebrar o vidro e chegar até lá.

 Não vai funcionar — alertou a mulher. — É apenas uma lembrança, não é real — completou, e eu sabia que ela estava certa.

Suspirei e me sentei na cama, derrotada.

- O que eu faço? perguntei, cansada.
- Descanse, respire, absorva tudo isso. Quando estiver pronta, pode sair, conhecer outras pessoas, folhear os livros e... esperar disse ela com pena.

Ela estava fechando a porta quando hesitou por um segundo.

- Era uma história muito boa, sabe? comentou ela. A sua. Achei que ela realmente terminaria. Talvez ainda termine completou, tentando soar esperançosa.
  - Você leu? perguntei, me sentindo um pouco constrangida.
- Eu leio tudo o que ela escreve disse ela com um sorriso terno.

E então fechou a porta, me deixando sozinha.

## — CAPÍTULO 2 —

Eu não lembro de ter adormecido.

Durante horas, apenas assisti pela janela às nuvens cortando o azul do céu e sendo levadas pelo vento que agitava as altas árvores do Bosque Sagrado. Mantos de Kyai, era como chamavam as suas árvores, em homenagem ao primeiro dragão nascido nas Terras Visíveis.

Se eu fechasse os olhos, quase podia sentir seu cheiro chegando até minha janela com o vento. Podia ouvir seus sons, que pareciam cantos de mil musas sussurrados entre os troncos. Se me concentrasse bem, poderia me lembrar da *sensação*, da força antiga que emanava entre aquelas árvores, fazendo com que o ar se tornasse mais denso e o corpo mais leve. A sensação da terra contra meus pés e do vento do bater de asas de dezenas de filhotes de dragão, espreitando à minha volta, curiosos.

Agora, tudo aquilo estava distante, congelado. Sem vida.

Por mais que eu tentasse encontrar algum sentido para dar ao que estava acontecendo, não conseguia entender de jeito nenhum. Se tudo o que meus olhos haviam visto e todas as minhas memórias eram fruto de uma história... o quão real eu era?

Me revirei por horas e horas na cama, tentando entender. Me lembrava de criar histórias quando criança, de passar horas na biblioteca sendo atormentada por Moira — que queria brincar lá fora —, de imaginar terras distantes e guerreiros destemidos montados em seus dragões lendários. Minha história não parecia com aquelas, minha vida era muito mais frustrante e decepcionante do que qualquer livro que eu já tivesse lido.

Porque ela me escreveria, então? Lembrei das cenas dos quadros que retratavam a mulher-sem-nome, uma pintura sua parecia mil vezes mais interessante do que todas as minhas... Se ela estava naquele limbo maluco que era aquela biblioteca, sem nunca ter sua história escrita, quais eram minhas chances de ser escrita?

Se a Autora — que era *a* Autora —, não conseguia sequer se livrar da própria personagem que a atormentava, que chance qualquer personagem ali tinha? E, se ela nos criara, quem a havia criado? De onde vinha aquela estranha magia capaz de criar mundos e pessoas como eu?

Em algum momento, entre um pensamento confuso e outro, fui levada pelo sono.

Quando abri os olhos, não estava mais no aconchegante quarto. Me surpreendi com meu entorno, percebendo estar em uma espécie de salão lotado de pessoas, que andavam e conversavam em todo o canto.

Minha surpresa foi maior ainda ao encontrar rostos familiares entre a multidão, de amigos e parentes próximos, mas nenhum deles parecia ser realmente quem eu pensava; estavam todos agindo estranho e vestidos de forma mais estranha ainda. De alguma maneira, sabia que não estava sonhando com o *meu* mundo. Aquele era o mundo da Autora.

Caminhei entre as pessoas sem ser notada, parando apenas quando a encontrei. No momento em que coloquei meus olhos nela, soube quem era. A Autora, a mesma que tinha visto no Globo de vidro, agora ria e conversava entre outras moças.

A cada rosto familiar, eu ficava ainda mais surpresa. Aquelas eram pessoas do *meu* mundo, mas tinha certeza absoluta de que tudo à minha volta tinha sido visto pelos olhos da Autora, em seu próprio mundo.

Ela tinha colocado aquelas pessoas em minha história. Eu reconhecia a risada de Ileana, suas feições e suas piadas vindas da moça ao lado da Autora; reconhecia todas elas, suas vozes e suas personalidades. A Autora tinha colocado um pouco do seu próprio mundo no meu.

Notei, porém, que algo começava a perturbar a Autora. Cada vez mais, ela ficava agitada e dispersa. A todo momento, seus olhos se fixavam em algum ponto atrás de mim, que eu não conseguia identificar, e se enchiam de medo.

Seu rosto foi empalidecendo e comecei a ficar tão nervosa quanto ela, sentindo aquele medo que corria em suas veias e o desconforto que a impedia de relaxar, mas sem saber a origem de tamanha tensão.

Aos poucos, as vozes, antes altas e animadas em meio ao caos que era aquele salão, pareciam ficar mais abafadas e distantes, como num eco. As luzes brancas e fortes — diferentes das de qualquer lugar que eu conhecia — começavam a piscar e falhar, tornando o lugar, antes tão animado e agitado, numa cena sinistra e sem vida. As próprias cores sumiam de cena e um aperto sem origem aparente começava a me sufocar.

Eu sentia o que a Autora sentia, mas não sabia de onde vinha o sentimento e muito menos qual era a figura atrás de mim que tanto a perturbava e atraía seu olhar.

Olhei mais uma vez para onde ela insistentemente olhava a cada segundo e finalmente entendi seu nervosismo. Relicta estava ali. Em um canto escuro, quase escondida, estava ali, assombrando a autora.

Uma irritação contra Relicta me subiu à garganta. Era como se ela assombrasse o lugar e sugasse toda a vida à sua volta. Ela encarava a Autora com um olhar provocador, quase desafiador, como se esperasse alguma coisa dela, pedindo silenciosamente, a perturbando até que conseguisse o que queria.

Para minha surpresa, os olhos de Relicta subitamente se desviaram da Autora e senti um arrepio quando repousaram sobre mim, me fazendo recuar um passo, assustada.

Então eu acordei.

Estava de volta à minha cama, na curiosa biblioteca, longe de meu mundo e arrancada de minha história. Suspirei, ainda me sentindo perturbada e desorientada pelo sonho. Não tinha ideia se aquilo havia sido de fato apenas um sonho ou se possuía alguma dose de realidade. Por fim, me levantei, agitada demais para ficar deitada.

Depois de repassar as lembranças dos acontecimentos recentes de novo e de novo em minha mente, decidi que precisava sair daquele quarto. A cada segundo o cômodo parecia diminuir de tamanho e me sufocar tanto quanto aquele salão cheio da presença maligna de Relicta. A lembrança de seu olhar sobre mim ainda me causava calafrios.

Respirei fundo antes de abrir a porta e caminhei pelo longo corredor. Pessoas iam e vinham, algumas em grupos esquisitos entre fadas, piratas, pessoas coloridas de roupas prateadas e seres entre animais e humanos. Tinha também aqueles de vestes semelhantes às da escritora, que eu ainda tentava desvendar em sua estranheza e familiaridade.

Alguns poucos pareciam me notar enquanto conversavam entre si e claramente falavam sobre minha chegada, como quem atualiza o amigo das últimas notícias, mas sem qualquer interesse particular em mim. Atravessei o corredor sem problemas e, ao chegar à biblioteca, me dei conta de que não tinha ideia do que fazer.

Olhei em volta, com todos dispersos, sem muito ânimo enquanto se entretinham em rodas de conversa. Alguns liam, outros tocavam instrumentos nos cantos ou até mesmo pintavam mais quadros para as paredes. Vários deles apenas encaravam o vazio, esperando, como armaduras enfileiradas aguardando sua vez de serem usadas. A maioria deles já perdia a cor e ficavam levemente translúcidos de tempos em tempos.

Evitando me assustar com a cena ou com a possibilidade de acabar enfileirada com eles, me sentei na mesa mais próxima e assisti, agitada, às pessoas à minha volta. Será que, se eu me mantivesse ativa e conversasse, iria ser mais difícil de desaparecer, de ser esquecida? Será que aqueles nos cantos tinham desistido de voltar para seus mundos e agora ficavam ali, parados, esperando que fossem esquecidos mais rapidamente? Mas alguns que andavam e conversavam estavam tão ou ainda mais translúcidos do que os parados...

Meus olhos focaram em um homem, que tocava um belo piano de cauda, de costas para mim. A melodia triste e arrastada de pouco servia para me confortar. Eu sentia meu coração acelerado e balançava minha perna em ansiedade. Há quanto tempo aquelas pessoas estavam ali? O tempo passava igual naquele lugar? Será que alguma delas já havia enlouquecido? O que aconteceria se um deles enlouquecesse e sua história fosse terminada? Ele seria

mandado para seu mundo sem sanidade? Eu me lembraria disso tudo se voltasse para casa?

— É normal se sentir assim no começo — disse uma voz feminina se aproximando junto do *tec tec* de seus sapatos altos contra o piso.

Ela surgiu ao meu lado antes que eu pudesse me virar e depositou uma pilha de livros em cima da mesa.

Era uma mulher mais baixa que eu, usava calça, jaqueta de couro e uma blusa que mais parecia um *corset*. Seus lábios estavam pintados de um tom escuro e seu olhar me causava algo à beira do medo. Intimidação, talvez. Tinha longos cabelos castanhos, que desciam por seus ombros em cachos perfeitos. Olhei para os sapatos altos que ela usava e faziam barulho contra o piso. Pareciam difíceis de usar.

— Meu nome é Tátia — disse ela, se sentando. — Você não fala, gostei de você. Ultimamente a Autora tem trazido uns bobos alegres ridículos para esse lugar, não me surpreende que não consiga terminar de escrever nada.

Então abriu um dos livros, cruzou os pés em cima da mesa e começou a ler.

Pisquei algumas vezes, meio surpresa e meio curiosa, sem saber bem se eu deveria ou não começar uma conversa. Olhei para os livros diversos em cima da mesa, todos com capas e títulos variados, alguns parecendo muito mais velhos do que outros.

— Esses são seus livros? Digo, da sua história?

Ela me olhou por cima do livro, parecendo um pouco aborrecida por ter sido interrompida de sua leitura.

— Não. Na verdade, não sou bem uma história... estou mais para a droga de uma *fanfic* — disse ela antes de voltar a ler.

Fanfic. O que era uma fanfic?

Como se lesse meus pensamentos, ela baixou o livro mais uma vez e suspirou, impaciente.

— Se mais um personagem de Terra Média aparecer por aqui, destruo meu livro. Não aguento mais explicar tudo para vocês — disse ela, mais para si mesma do que para mim. — Eu venho de outra história, uma que não é dela, entende? Ela assistiu à série de

onde venho e me criou. Não sei dizer como funcionam essas regras de criação de histórias, mas suponho que exista outra de mim na cabeça de quem me criou *de verdade*. É meio complicado para sua cabecinha, eu sei.

Franzi o cenho, confusa.

- Série? perguntei.
- É como um livro... começou ela, fazendo uma careta —, mas você vê ele através de um vidro, como quando assistem à autora pelo Globo de vidro... bem, nem adianta explicar muito, na verdade. Esqueça isso, é como um livro. — disse ela, por fim. — O pessoal não me respeita muito por aqui por eu não vir de um livro, mas pelo menos eu saio mais daqui do que esses idiotas arrogantes.
  - Como assim *sai mais daqui*?
- Sempre que a Autora volta a assistir minha série, ela volta a criar minha história. Geralmente, depois que desiste de um projeto, fica deprimida e vai criar minha história para se consolar disse ela com tranquilidade. Então eu volto para lá e continuo a viver no meu mundo por mais um tempo antes de ela ficar entediada e me jogar aqui de novo.
- Espera, então você volta para lá? perguntei incrédula, com uma faísca de esperança renascendo dentro de mim.
- Calma lá, guerreirinha. Eu não sou um livro. Esses iguais ao seu geralmente ficam por aqui mesmo. Lamento disse ela, sem parecer lamentar muito; na verdade, estava um pouco divertida.

Senti um aperto no estômago pela esperança perdida. Não me surpreendia que os outros ali não gostassem muito dela.

 Você é meio cruel — comentei levianamente, pegando um livro de sua pilha e o analisando.

Um sorriso cínico se abriu diante da minha cara fechada.

 Ah, devia me ver na minha história — disse ela com um sorriso crescente. — Mil anos de incontáveis mortes e feitos notáveis. Vítimas de todos os lugares do mundo.

Fiz uma careta para ela.

— Então você é tipo... uma vilã? — perguntei, me lembrando das bruxas imortais das histórias que me apavoravam quando era criança.

- Pode-se dizer que sim disse ela com orgulho. A Autora criou alguns, eles aparecem aqui às vezes também. São muito mais interessantes. Isso, com certeza.
- O que você é? perguntei, lembrando que ela tinha mil anos. *Alguma coisa* ela era.
- Uma vampira disse ela com saudosismo. A Autora teve essa fase, alguns anos atrás.

Abri a boca para perguntar, mas, antes que qualquer som saísse, ela logo respondeu:

— São criaturas imortais que vivem de beber sangue humano — disse ela, voltando seus olhos para o livro e perdendo o interesse na conversa novamente. — Fomos criados por uma bruxa, na minha história.

Não pude evitar uma careta, aquilo era nojento.

— Tem outros vampiros de todo o tipo aqui, alguns deles já foram esquecidos; alguns personagens, como eu, vêm e vão o tempo todo com suas fases. Também teve a fase dos detetives, esses já sumiram faz tempo; da ficção científica, que ainda tem alguns remanescentes; teve uma fase de gente comum, mas esses já foram todos também... — Tátia suspirou longamente como uma senhora faz ao se lembrar do passado. Bom, ela *era* velha em seu mundo.

Olhei em volta, tentando reconhecer pessoas do tipo que ela descreveu, mesmo sem fazer ideia do que era *ficção científica*.

Respirei fundo, tentando absorver o turbilhão de informações.

— Não se preocupe, você vai se ajustar logo — tranquilizou ela, me surpreendendo. — Com o tempo, vai entender o que cada um é aqui e logo, logo vai poder conversar com aqueles *aliens* esquisitos de quando a Autora tinha dezesseis anos e que não falam nada com nada — assegurou-me com um sorriso.

Eu sorri um pouco e ergui a sobrancelha, desconfiada.

- Achei que era uma vilã cruel provoquei, e ela fez uma careta.
- Estou no meu arco de redenção disse ela mal-humorada.
   Volto para cá cada vez mais chata, se quer saber.

Eu ri e, quando ela voltou a ler, abri o livro em minhas mãos. Não entendi muita coisa e pensei que talvez devesse pegar outro para ler em vez daquele cheio de palavras e cenários com *naves* e *robôs*, seja lá o que fossem essas coisas.

Durante dias foi o que eu fiz. Eu sentava na mesa com Tátia e geralmente líamos em silêncio. Ela era arrogante e fazia comentários cruéis, mas era, no geral, inofensiva. Queria pegar o livro dela para ler, mas ela dizia que eu ficaria espantada demais, que deveria ir aos poucos nas histórias para entender tudo.

A cada dia que passava, minha cabeça girava menos com as palavras esquisitas daquele lugar. Robô, espaço, naves, *aliens*, vampiros, lobisomens, ninjas... cada dia mais palavras novas abriam espaço em minha imaginação. A cada livro, eu olhava diferente para alguma pessoa naquele lugar; era como se eu mergulhasse dentro de cada um deles e, por vezes enquanto lia, me esquecia que estava naquela biblioteca. Em dias tranquilos de leitura, secretamente sentia que poderia passar o resto da minha vida lendo feliz ali.

Com certeza era mais fácil do que lutar contra minha irmã maligna para salvar meu mundo.

A decepção, claro, sempre vinha no final de cada livro, já que nenhum deles tinha realmente um fim. As palavras apenas acabavam abruptamente, deixando um vazio decepcionante nas páginas e dentro de mim.

Claro que nem todas as histórias eram exatamente boas, algumas certamente poderiam beirar ao ridículo, mas com certeza seus mundos exóticos e personagens encantadores me cativaram. Eu simplesmente gostava de todas as histórias, mesmo as mais toscas delas me divertiam. Imaginei que, se em meu mundo eu fosse uma Contadora de Histórias, e não uma Maderikhe, certamente minhas histórias seriam como aquelas — com exceção dos zumbis, *aliens* e outras coisas estranhas demais para saírem de minha imaginação.

No geral, dia após dia, eu me encontrava cada vez mais inclinada a aceitar aquela nova vida e nova rotina. Sentia falta de coisas simples de meu mundo, como: voar com Allis, a familiar rotina do treino, sair daquele mesmo cômodo ou, simplesmente, me

olhar no espelho ao acordar — curiosamente, não havia um único espelho em toda a biblioteca ou nos quartos. Mas, quase sempre, gostava da companhia de Tátia, de conhecer os outros personagens e suas histórias, de encontrar as semelhanças entre nossos mundos e de descobrir mais coisas.

Claro que diversão alguma me salvava da frustração de estar ali. Cada página em branco com a qual eu me deparava no fim de uma história, era um lembrete da minha atual e infeliz situação. Minha e de todos ali. Eu olhava para as pessoas à minha volta e, ao lembrar de seus mundos e de suas histórias, uma onda de indignação e piedade se apossava de mim. Eles precisavam de um final. *Eu* precisava de um final.

## — CAPÍTULO 3 —

Diferente do que Tátia e todos os outros pensaram, a Autora não voltou a escrever sua *fanfic* — e agora eu quase entendia bem o que era uma *fanfic* — depois de sua decepção com minha história.

Fazia quase um mês que eu estava ali, já tinha lido pelo menos sete livros e abandonado alguns que ainda eram muito confusos para mim. Tátia me assegurou que os distópicos de ficção científica deveriam ficar por último mesmo.

Durante os dias, eu me mantinha entretida com Tátia e com os vários livros da biblioteca, mas durante as noites, eu era diariamente visitada por sonhos esquisitos com a Autora.

Sonhos de diversos tipos e, muitos deles, que mal pareciam sonhos. Em todos eles eu estava apenas ali, a assistindo viver histórias mirabolantes nos momentos em que não criava nenhuma.

Eu tinha certeza de que eram a seus sonhos que eu assistia. Certamente eu não sonharia com carros, naves e várias outras coisas que eu sequer sabia da existência. Os sonhos eram muitas vezes confusos e sem sentido; outras vezes, entediantes e monótonos, mas todos vinham da Autora até mim, que apenas assistia, invisível, às mais diversas cenas que eu jamais poderia imaginar.

As vezes eu apenas ficava sentada a esperando acordar, assistindo-a fazer alguma coisa que eu não entendia diante de telas de vidro luminosas; ou correr em corredores brilhantes e coloridos para, então, cair em buracos, falar com animais ou pentear o cabelo. Tantas informações confusas serviam apenas para me fazer acordar ainda mais cansada pela manhã.

Apesar disso, eu gostava daqueles sonhos. Sempre que estava ali, eu a *sentia*. Era estranho e beirava o desconforto, mas eu sentia suas emoções, como se parte de mim estivesse vivendo através dela ao mesmo tempo em que ela estava vivendo através de mim.

Mesmo que eu estivesse com certa resistência à Autora no começo, eu não podia evitar gostar dela; era uma espécie de carinho que um quadro talvez teria por seu pintor, um tipo de reverência e curiosidade que me deixava agitada.

Acima de qualquer coisa, gostaria de falar com ela, o que tudo indicava ser impossível. Eu já tinha tentado algumas vezes, na verdade, mas aparentemente eu era invisível em seus sonhos; aparecia ali como uma mera espectadora sem qualquer chance de implorar para que ela voltasse a escrever minha história e me devolvesse para casa.

Claro que não era apenas para implorar para voltar para casa que eu queria falar com ela. Havia infinitas coisas que eu gostaria de conversar com a pessoa que escrevera as histórias que vinham me entretendo diariamente, como o que a fizera matar certo personagem e deixar outro tão menos carismático vivo, e entender de onde vinham suas ideias e gostos.

Gostaria de saber porque ela tinha *me* criado, no que ela pensava enquanto me escrevia e escrevia minha vida, no que pensava quando escolheu a cor de meu dragão e descreveu os longos cabelos de minha irmã, para depois os cortar fora. Porque Moira havia feito o que fez? Porque as coisas em meu mundo tinham que ser daquele jeito? Aquele seria um reflexo de seu próprio mundo? De *sua* própria história?

Apesar da maioria das noites serem tranquilas, mesmo que exaustivas, algumas tinham um final bem diferente. Nessas, a presença de Relicta parecia escurecer e esvaziar o ambiente como na primeira noite. Os sons de risada em volta da mesa cheia de guloseimas malucas e pessoas esquisitas e divertidas era abafado, e o olhar da autora se esvaziava. O cenário ao meu redor perdia o foco e, então, tudo o que aparecia diante de mim — de mim, não; da autora — era ela. Relicta. Com suas roupas batidas e olhar assassino. Ela sabia o efeito que causava sobre o lugar e sobre a Autora, e gostava disso.

Ela nunca me notava de primeira, seu foco era a Autora. A cada dia ficava menos surpresa de me ver ali e mais decidida a me apavorar. Enquanto eu estava acordada, via apenas seu vulto; ela serpenteava pelos cantos, nunca falava com ninguém e todos a evitavam. Não sabia exatamente onde ela ficava durante o dia todo, talvez em seu quarto, mas eram raras as vezes que a via e, em todas, ela apenas me observava.

Vez ou outra, quando estava na mesa com Tátia, a pegava me observando com o olhar predatório comum a qualquer um de nossos mundos, facilmente reconhecível e que com certeza me fazia trancar a porta sempre que entrava em meu quarto à noite.

Afinal, se eu morresse, o que aconteceria? Eu *poderia* morrer? Não tinha certeza se uma história poderia apagar outra...

Eu tinha muitas perguntas e possibilidades que gostaria de discutir, não entendia por que aparentemente apenas eu e Relicta aparecíamos nos sonhos da Autora ou por que eu me sentia estranhamente ligada àquela personagem maligna, mas Tátia não parecia aberta o suficiente para conversas muito longas e a mulher loira que havia me ajudado não estava sempre por ali. Geralmente, quando ela aparecia, estava conversando, respondendo perguntas e resolvendo todo tipo de problemas dos personagens da biblioteca.

Com o passar dos dias, entre livros e meias conversas, notei que Tátia atraía cada vez mais olhares dos outros personagens, como se todos esperassem que ela sumisse e fosse levada de volta para sua história de um instante para outro — inclusive ela mesma.

Descobri que aquele era um comportamento estranho para a Autora, que ela tinha uma espécie de ritual criativo — segundo as palavras da fadinha irritada que andava com o viking Harold. Ela desistia de uma história e, depois de uns dias, mergulhava no mundo de vampiros de Tátia. Escrevia sua *fanfic* por um tempo antes de criar uma nova história ou continuar uma antiga.

Então, depois de quase um mês sem que a autora demonstrasse muito interesse na *fanfic* de Tátia, uma atmosfera tensa já preenchia a biblioteca. Todos murmuravam e se remexiam em seus lugares o tempo todo e, diariamente, cada vez mais gente se reunia ansiosa em volta do Globo de vidro durante o dia. Quando questionei Tátia — que aos poucos também tinha um comportamento cada vez mais tenso e retraído —, ela disse que a Autora nunca ficava tanto tempo sem escrever alguma coisa.

Todos pareciam uma pilha de nervos com tanto silêncio da autora e eu não compreendia inteiramente o porquê. Afinal, eles estavam com suas histórias paradas há tanto tempo que pouca diferença fazia se ela estivesse escrevendo a história de outra pessoa ou se simplesmente não estivesse escrevendo história nenhuma. Das duas maneiras, eles continuariam ali igualmente.

A cada dia que se passava, mais ansiosos todos ficavam. Cada vez mais se reuniam em volta do Globo de vidro, apenas para encontrar ali seus próprios reflexos.

Desde minha chegada, não tinha mais visto a Autora no Globo, apenas aquele leve brilho cintilante ao redor do vidro vazio. Mesmo sem nada dentro, com certeza era algo a se admirar e, por vezes, me juntava a eles apenas para assistir ao Globo vazio com seu brilho e névoa hipnotizantes que o cercavam constantemente.

Numa dessas tardes, estávamos praticamente todos ali à espera de qualquer sinal da Autora. Todos o encaravam fixamente, esperando alguma coisa acontecer.

- Mas qual o problema de ela não escrever? perguntei baixinho a Tátia, esperando algum sinal vir do Globo mágico.
- Qual o problema? perguntou Harold, o viking ruivo que eu primeiro avistei quando cheguei na biblioteca. Para começar, sempre que ela para de escrever é uma carnificina em massa, personagens sendo esquecidos para todo o lado. Ele fez uma pausa e me encarou por alguns segundos, como se quisesse ter certeza de que eu estava acompanhando a gravidade da situação. Agora, se vamos falar de problemas, precisamos falar sobre Relicta. A maldita quer ter sua história terminada custe o que custar, se ela conseguir fazer com que a Autora volte a escrevê-la...
- Basta, Harold interrompeu a mulher-sem-nome que me recebera, causando murmúrios entre os personagens.

Um clima tenso se instalou dentro de mim e na biblioteca. Seja lá qual fosse a ameaça que rondava a mente de todos, começava a me amedrontar também.

Por isso, tamanha foi a alegria e surpresa quando o Globo de vidro brilhou mais intensamente, fazendo com que todos se

calassem no mesmo instante. Nossos olhos estavam completamente focados enquanto assistíamos à cena através do vidro.

A Autora estava em uma sala escura, deitada em um sofá e embolada em cobertas. Da sua frente, vinha uma forte luz e sons que eu não entendia muito bem, por vezes a voz de Tátia parecia se sobrepor aos sons, mas eu não conseguia entender o que ela dizia. Todos se olharam, parecendo esperançosos. Tátia colocou as mãos no vidro, ansiosa. Até eu mesma me vi olhando fixamente através do vidro, esperando que Tátia desaparecesse a qualquer momento e fosse levada para seu mundo, como todos diziam que iria acontecer.

A Autora não olhava para o lugar que emanava luzes e vozes, estava com seu retângulo brilhante no colo. A mulher-sem-nome — que eu secretamente chamava de *Rainha* — explicou que era por ali que a Autora escrevia as histórias. Era um *computador*. Mas não se deu ao trabalho de me explicar muito mais do que isso.

- Ela está assistindo.
- Logo, logo vai começar a escrever.
- Acho que ela voltou para a sexta temporada.
- Talvez mude alguma coisa...

Todos sussurravam a respeito do que a Autora estava fazendo e o que faria, com suas vozes carregadas de esperança. Todos pareciam mais aliviados e começavam a relaxar enquanto especulavam.

Eu não. Enquanto olhava para a Autora, que encarava a tela brilhante sem muito ânimo, um terrível sentimento se instalou em mim. Ela estava imóvel e, sempre que erguia as mãos para escrever, as recuava e repousava em seu colo novamente.

Ela se virou para a tela brilhante de onde vinha o barulho — segundo eles, uma *televisão* —, a encarou por alguns segundos, mas também sem muito ânimo. Enquanto os sorrisos aumentavam à minha volta, meu estômago despencava. Eles não estavam vendo o que eu via? Assim como em meus sonhos, eu tinha a sensação de que podia *sentir* a autora, e o que ela sentia naquele momento... não era nada. Um vazio a preenchia cada vez mais a cada segundo.

Tudo ficou escuro quando ela desligou a televisão. E mais ainda quando a luz do computador se apagou.

A última visão que tive antes que a luz do Globo se apagasse foi do reflexo de suas lágrimas prestes a deixarem seus olhos. Sem luz cintilante, sem névoa rodopiante. Apenas nossas imagens nos encarando no vidro opaco e sem brilho.

O silêncio na biblioteca era ensurdecedor. Ninguém ousava respirar.

Por fim, o reflexo que eu via no Globo de vidro, entre as cabeças dos personagens, chamou minha atenção. Era Relicta.

Me virei e dei de cara com seu rosto frio como gelo, que não estampava um pingo de surpresa. Com meu movimento repentino, todos se viraram para ela.

- O que você fez? perguntei, desconfiada.
- Nada. Mas gostaria de ter feito respondeu ela, olhando em meus olhos. Eu estava prestes a retrucar quando ela voltou a falar:
   A pergunta é: o que você fez? Foi a última a chegar aqui. Desde você, ela não começa nada.
  - E desde *você* ela não termina retruquei.

Nos encaramos por alguns segundos, o olhar de diversão de Relicta crescia a cada segundo.

— Sabiam que ela tem acesso à mente da autora? — perguntou Relicta.

Um som simultâneo de espanto preencheu o ambiente.

- Do que ela está falando? perguntou Tátia, com um olhar acusador.
- Não faço ideia respondi sem desviar os olhos de Relicta e sem dar muita atenção à sua acusação. Com certeza eu saberia se tivesse acesso à mente da Autora. Se fosse assim, eu já teria a persuadido a voltar a escrever minha história e estaria em casa há umas boas semanas.
- Não? questionou a pirata. Porque eu te vi claramente lá fora, nos pensamentos da Autora, em seus sonhos... Então, se segundo vocês, *eu* sou a culpada pelas histórias sem final, *ela* é a culpada pelo fim das histórias.

Todos viraram a cabeça em minha direção, espantados. Os olhares de surpresa se transformaram em indignação aos poucos.

— Isso é verdade, menina? — perguntou a Rainha num tom sério.

Olhei surpresa para todos. Por algum motivo, não achava que meus sonhos tivessem qualquer relevância, sequer achava que eles significavam alguma coisa *real*.

- Eu tenho *sonhado* com a Autora, mas isso não significa nada... comecei, mas fui interrompida por Relicta.
- Você não tem *sonhado* com a Autora, tem *invadido* seus sonhos acusou ela. Não adianta negar, eu vi você.

Pisquei algumas vezes, surpresa. Eu sabia que estava assistindo aos sonhos da Autora, mas não sabia que aquilo poderia ser algo tão real. Achava que todos ali tinham sonhos como aqueles e jamais dera muita importância a eles nem havia comentado sobre aquilo com alguém.

Olhei para o Globo opaco, apagado, me perguntando se seria possível que eu realmente tivesse, sem querer e de alguma forma que nem mesmo eu sabia, acabado com as chances daqueles personagens saírem dali.

Um falatório coletivo tomou conta do lugar. Aparentemente todos tinham uma opinião muito forte, e a cena apavorante do Globo de vidro apagado não ajudava em nada a acalmar os nervos de ninguém.

Alguns me apontavam como pior do que Relicta, diziam que eu — sem motivo aparente ou racional — queria o fim de todos eles, que estava manipulando a Autora. Esses eram os que faziam muito barulho e apenas atrapalhavam a discussão a meu respeito, mas não eram muitos e ninguém lhes dava ouvidos.

Boa parte apenas deu de ombros, desesperançosos e convictos de que eu era mais um fatídico acidente da autora, feita da mesma coisa que Relicta e que causaria tanta desgraça quanto ela.

Outros afirmavam que a solução era eu ser esquecida, diziam que talvez isso anulasse o que quer que eu tinha feito e então o Globo de vidro voltaria a brilhar. Entre eles, a ideia de que eu fosse apagada também era bem-vinda, embora eu não entendesse muito bem como eles achavam que conseguiriam fazer isso. Desde quando

aqueles personagens tinham qualquer poder sobre as histórias uns dos outros?

Alguns poucos tinham certeza de eu ser algum tipo de salvadora, que os livraria do que tinha acontecido com a Autora por culpa de Relicta e que a fizera parar de terminar suas histórias.

E eu apenas assistia enquanto meu futuro era decidido por *aliens*, caubóis, detetives, fadas, deuses e garotas de ensino médio — os vampiros, lobisomens e frutos de *fanfics* e histórias do tipo, com exceção de Tátia, rapidamente se dissiparam, sem ligar muito para a discussão.

— Silêncio — pediu a Rainha com autoridade e, aos poucos, todos se calaram.

Ela voltou seus olhos para mim e me examinou por um segundo. Sem dizer uma só palavra, se dirigiu às largas estantes e de lá pegou um livro. Meu livro. Começou a andar em direção ao corredor e, por cima do ombro, disse:

Venha comigo.

Todos se entreolharam em dúvida e eu a segui, mais confusa do que nunca.

Caminhamos em silêncio, deixando um rastro de murmúrios cada vez mais alto e, até chegarmos na frente de meu quarto, a confusão já havia aberto espaço entre o silêncio novamente.

Entramos no meu quarto e fingi não notar ela trancar a porta atrás de nós.

— Eu não fazia ideia de que meus sonhos eram reais e faço menos ideia ainda do que significam — disse com firmeza a ela, antes de ser acusada por alguma coisa.

A mulher suspirou e assentiu.

- Sei disso afirmou ela. Não acho que você seja como Relicta. Não na maldade, pelo menos. Talvez, claro, em outras coisas... A Rainha deixou a frase morrer e balançou a cabeça. Mas tudo o que ela disse... seus sonhos... tudo isso significa que você, assim como ela, pode entrar na mente da Autora.
- E o que isso significa? perguntei impaciente, começando a me sentir desconfortável.

- Que você pode fazer com que ela volte a escrever disse a Rainha com firmeza, olhando em meus olhos.
  - *O que*?
- Até hoje, Relicta é a única capaz de fazer algo assim. A Autora, sem perceber, colocou tanto de si dentro dela, lhe deu tanto poder, que agora tem seu personagem mais sombrio infiltrado em seus pensamentos. Nenhum de nós teve tamanho poder fora de nossas próprias histórias. Até você chegar.

Pisquei algumas vezes, confusa.

— E o que você quer que eu faça? — perguntei. — A Autora não me ouve, não tenho nada a ver com ela ter parado de escrever. Acha que já não tentei falar com ela? Chamar sua atenção? Implorar para que ela me leve de volta para casa?

A Rainha olhou para os lados, agitada, como se também estivesse tentando encontrar uma resposta para o assunto.

— Fique aqui até que eu apareça de novo, está bem? Conversaremos melhor mais tarde, quando a poeira abaixar — disse ela por fim, e eu, sem muita escolha, assenti. — Tome seu livro, guarde-o bem aqui; esconda-o e, sempre que sair, tranque a porta e leve a chave com você.

### — Porque?

Ela apenas me lançou um olhar agourento e se virou. Sem dizer mais nada, deixou o quarto, onde permaneci pelo resto do dia, tomando o cuidado de mantê-lo trancado.

Eu não conseguia relaxar nem por um segundo. Por algum motivo, um medo crescente se espalhava em mim, uma sensação de que alguma coisa estava errada. Relicta, a Autora, a Rainha... todas eram uma incógnita para mim e todas pareciam saber infinitamente mais do que eu sobre aquele lugar e suas possibilidades.

Uma hora ou dez poderiam ter se passado entre a porta se fechando atrás da Rainha e as suas batidas mais tarde. Quando isso aconteceu, a biblioteca estava bem mais silenciosa e, enquanto a seguia pelo corredor escuro, sabia que estavam todos em seus quartos.

Paramos em frente às grandiosas prateleiras cheias de livros e a Rainha me olhou séria. Por um momento, um temor percorreu minha espinha.

- Por que me entregou meu livro? Por que escondê-lo? perguntei por fim.
- Lembra quando eu disse que tinha dois jeitos de sair daqui?
  perguntou ela, e eu assenti.
  - Sendo esquecido ou escrito respondi.
- Exato. Bom, não mencionei a terceira saída: se sua história for destruída.

Franzi o cenho, confusa e assustada.

— O que? Destruída?

A Rainha assentiu, preocupada.

— Todos esses livros representam nossas histórias, nos representam. Uma vez destruído, toda a história é apagada.

Pisquei algumas vezes, surpresa.

- E vocês simplesmente deixam seus livros ali, esperando para serem destruídos?
- Não destruímos os livros uns dos outros, não podemos. Nem sabíamos que isso era possível até...
  - Relicta comentei, e ela assentiu.
- Quando a Autora a estava escrevendo e fazia pausas entre a história de Relicta e outras histórias... bem, Relicta não gostava nada disso. Não sei como aquilo aconteceu, se veio de Relicta ou, de alguma forma, da própria Autora... só sei que o mal forçou entrada pelas páginas do seu livro, causando estrago em todos os outros. Com Relicta, a Praga chegou. Não posso dizer que era uma criatura, acho que *Praga* é a única coisa que me vem à mente quando me lembro... também não sei se a Praga obedecia à Relicta ou se simplesmente eram partes de um mesmo mal. Tudo o que eu sei, é que cada livro que se colocava entre Relicta e a Autora era completamente destruído.

Ela se virou e tirou das prateleiras alguns livros que ficavam perto da parede. Notei que a estante, assim como os livros e a própria parede, estavam todos manchados naquele canto, como se uma enorme caneta tivesse estourado e manchado tudo ao redor.

Ela abriu os livros e eu assisti horrorizada enquanto ela os folheava, mostrando páginas e mais páginas manchadas; suas letras tinham se misturado com a tinta, como se essa tivesse forçado as palavras a mudarem sua forma, as tornando irregulares e indefinidas.

— Páginas e páginas apodrecidas e ilegíveis, distorcidas e retorcidas. Os personagens atingidos nunca mais foram os mesmos, e suas histórias não têm final feliz. Livros e mais livros manchados, os personagens se desfaziam e eram consumidos por ela bem na minha frente... — A Rainha fechou os olhos por um instante. — Era impossível de deter. Tentamos destruir o livro de Relicta de todos os jeitos, mesmo não sabendo se era possível fazer isso. Queimamos, jogamos água, tentamos rasgar e picotar, nada funcionava. A cada dia que passava, mais espaço aquela escuridão tomava e mais ela destruía; personagens viam seus mundos entrarem em colapso e eram sugados pela Praga... Naquele tempo, a Autora parecia dar mais espaço e poder à Relicta a cada segundo; talvez não tenha se dado conta, nem mesmo agora, do poder que deu a essa escuridão dentro dela.

Encarei o vazio por algum tempo, absorvendo as informações. Vi que a Rainha olhava para mim com expectativa.

- E o que espera que eu faça? perguntei, cansada. A única coisa que eu fizera naquela biblioteca até então havia sido ler livros e ter sonhos bizarros. Era a que tinha menos conhecimento sobre aquele lugar, suas leis e possibilidades, mal entendia ainda o que era tudo aquilo. O que ela esperava que *eu* pudesse fazer? Eu não era páreo para Relicta, de jeito nenhum.
- Não sei o que pode fazer. Mas o que eu quero, o que nós precisamos, é que o livro de Relicta seja destruído.
- Você não disse que já tentaram de tudo? Como acha que vou conseguir destruir o livro?
- Não acho que você consiga fazer isso. Já tentamos de tudo, menina, nada dessa biblioteca é capaz de destruí-lo.
  - Então o que...
- Até hoje, Relicta foi a única capaz de sair dessa biblioteca, entrar nos pensamentos da Autora, vagar por sua mente e manipulá-la. Tenho certeza de que você não teve nada a ver com o que aconteceu hoje. Não sou cega, sei que Relicta está se agitando,

ganhando força e tentando fazer com que a Autora volte a escrevêla. Tento manter meus olhos nela e sei que a maldita tem passado horas e horas fora da biblioteca.

Franzi o cenho, confusa.

— Então... espera, como assim sair da biblioteca?

A Rainha abriu um sorriso esperançoso e deu um passo em minha direção.

- É assim que Relicta manipula a mente da Autora. Esse lugar, essa biblioteca, é só uma parte de sua mente. Ela, de alguma forma, tem acesso às outras partes; a Autora sem querer deu isso a ela, assim como deu a você. *Por isso* você entra em seus sonhos, você também pode sair daqui. Como eu disse, nada da biblioteca é capaz de destruir o livro de Relicta...
- Mas talvez algo em algum outro lugar possa completei, e a Rainha assentiu com convicção.
- Enquanto a Autora escrevia a história de Relicta... bem, depois de um tempo e de várias histórias destruídas, da Praga e de tudo o mais... tínhamos perdido as esperanças. Ela não parava de escrevê-la e torná-la ainda mais forte em sua própria mente. Mesmo quando ela queria, e eu sabia que ela queria, a Autora não conseguia parar de escrever; Relicta já estava forte demais para simplesmente ser deixada de lado, ela invadia seus pensamentos, sonhos e sabe-se lá mais o quê...
- E como a Autora parou de escrever? perguntei, confusa. Se era tão forte e tudo o mais, como ela parou com a história de Relicta?

A Rainha olhou para os livros e então para mim novamente, com uma certeza e uma confusão iguais nos olhos.

— Não foi por causa de nada daqui de dentro, isso posso lhe assegurar. Veio de fora, encurralou Relicta com tremenda facilidade, enfraquecendo-a; e a Autora a trancou aqui. Talvez a tivesse destruído de vez, se a Autora deixasse... desde então, as coisas têm retomado ao normal. Na verdade, tem mais histórias sendo criadas do que nunca e de todo o tipo. Muitos personagens que tinham sido atacados por aquela Praga maligna têm se recuperado, e seus livros têm ficado limpos aos poucos... mas acho que a Autora nunca

consegue se livrar de verdade do poder que deu à Relicta, ela apenas a tranca aqui, sem conseguir realmente se livrar dela.

A Rainha olhou nos meus olhos, confiante.

— Não acho que você consiga destruí-la, mas acho que consegue encontrar seja lá o que a tenha dado forças para que a Autora a abandonasse. O que quer que seja aquilo, com certeza é mais forte do que Relicta, a Praga e até mesmo a Autora. Se fizer isso... se levar o livro até lá... talvez essa coisa que veio de fora possa destruí-la de vez.

Respirei fundo, mais confusa do que nunca, aquilo tudo era informação demais, confusão demais.

- Não tenho todas as respostas que gostaria de te dar disse ela com pesar. Estou aqui há mais tempo que qualquer um e nem mesmo eu sei de todos os segredos dessa biblioteca. Mas você tem algo que ninguém além de Relicta tem: você acessa a mente da Autora. Não é algo que eu, mesmo depois de tantos anos nessa biblioteca assistindo à Autora, pude fazer.
  - Está aqui há muito tempo? perguntei, e a Rainha sorriu.
  - Fui a primeira. Sua primeira história.

Arregalei os olhos, impressionada.

- Primeira?
- Uhum respondeu ela sorrindo. Estou aqui desde quando havia apenas uma pequena prateleira e esse lugar era do tamanho do meu quarto. Ela ainda me tira daqui uma vez ou outra. Deita em sua cama e me leva de volta para meu mundo, inventando histórias infinitas. Eram mais bobas e simples quando era pequena, hoje são tão grandes que ela não saberia por onde começar a escrever.
  - Então ela nunca te escreveu? perguntei, confusa.
  - Não, minha história está apenas na sua cabeça.

Refleti por um momento, se ela nunca tinha sido escrita...

- A única maneira de eu sair daqui, é se ela me esquecer disse ela, como se soubesse o que eu estava pensando.
- Acha que ela vai escrever você um dia? Perguntei, preocupada. A ideia de ver a Rainha se tornando translúcida e desaparecendo me apertou o coração.

Não sei, talvez — disse ela com um meio sorriso conformado.
 Mas estarei feliz mesmo se não escrever, mesmo que eu fique apenas nesta biblioteca. Acho que, depois de um tempo, quando começamos a entender melhor e conhecer quem nos criou... bem, se torna um pouco irresistível amá-la. É um sentimento engraçado.

Franzi o cenho, um pouco contrariada. Não achava que conseguiria um dia *amar* a Autora como a Rainha a amava. Eu gostava muito mais dela agora do que no primeiro dia, claro, mas não tinha certeza se poderia perdoá-la pelas reviravoltas desagradáveis de minha história. Pareciam frutos de uma Autora um tanto sádica.

— Vou tentar destruir o livro de Relicta, arrumar algum jeito... mas não por ela. Por vocês, pelas suas histórias e pela minha — disse, deixando claro meus motivos.

Ela assentiu tranquilamente e encaramos as fileiras de livros por alguns instantes.

- Talvez você gostasse mais dela se a conhecesse mais, sabe? comentou ela depois de um tempo. Acho que fica um pouco difícil para as histórias que não sabem seu final entenderem, mas vai descobrir que ela não suporta finais infelizes. Sempre dá um jeito de fazer tudo ficar bem novamente. Ficar *melhor*, na verdade.
  - Já viu algum final? perguntei, contrariada.

Ela se virou para mim, divertida.

- A essa altura conheço ela bem o suficiente para saber até mesmo como ela pretende terminar *minha* história. Pelo que aconteceu da última vez que voltei para casa, ela tem algumas coisas em mente...
  - Acho que confia demais nela comentei meio incrédula.

A Rainha deu de ombros e ficamos em silêncio. Observando-a melhor, eu quase poderia reconhecer alguns traços infantis, como se de fato tivesse sido fruto da imaginação de uma criança. Seus cachos macios e sardinhas, que brilhavam um pouco no escuro; tatuagens pelos braços, que formavam uma espécie de renda e que se revelavam somente no escuro. Ela parecia, em todos os aspectos, uma daquelas fadinhas bondosas e sábias de contos infantis, mas de um tamanho normal e sem as asas.

Respirei fundo, desviando os olhos dela. Eu não queria voltar para o quarto ou dormir. Não queria dar de cara com a autora em meus sonhos. Ao mesmo tempo em que ela era capaz de criar coisas tão belas quanto o céu estrelado do meu lar, as paredes repletas de pinturas do Templo do Norte e os magníficos dragões lendários que acompanhavam lealmente seus parceiros a vida inteira, ela também havia criado coisas tão horrendas quanto Relicta e aquela escuridão toda.

— Onde está o livro de Relicta? — perguntei repentinamente.

A Rainha me olhou preocupada, mas logo me apontou um livro no canto, separado dos outros.

- Aquele.
- Então, se eu encontrar uma maneira de destruir o livro... ela some? Para de perturbar a Autora? Vai fazer com que ela termine nossas histórias?

A Rainha assentiu.

- E como... bufei, sabia que a Rainha não tinha a resposta.
- Tudo o que eu sei é que o Globo não está apagado sem motivo, Relicta está por trás disso... começou ela. Acho que as coisas estão prestes a piorar muito antes de melhorar, mas se não fizermos nada, esse pode ser o fim de todas as histórias. Sobrará apenas o livro de Relicta quando ela terminar o que começou.

Tentei não me perturbar demais com suas declarações enquanto pegava o livro de Relicta nas mãos, sem muita esperança. Era grosso e pesado, assim como estranhamente bonito. Talvez o mais bonito que eu já tinha visto na biblioteca, na verdade, com um grandioso navio na capa em um mar tempestuoso e o título escrito em dourado sobre o couro azul escuro. *Do outro lado do mar*.

Franzi o cenho com a simplicidade do título e a beleza da capa. Quando olhei em dúvida para a Rainha, notei que ela olhava com certo horror e asco para o livro.

— Apenas... tome cuidado. Sei que parece inofensivo, mas acho que as maiores depravações parecem assim no começo. Não se deixe enganar pelo o que ler aí, ou achar que entendeu. A última coisa que queremos é despertá-lo na Autora. Suas mentes, pelo que sabemos, estão ligadas, então *por favor*, tome cuidado. Não

queremos despertar nada relacionado a essa história nela, especialmente agora.

Assenti, cansada e confusa. Depois de assistir ao Globo de vidro opaco e sem brilho por um tempo, a Rainha me mandou descansar e pensar sobre tudo aquilo com calma.

A deixei no centro da biblioteca e caminhei até minha porta sem nome. Antes de entrar, a olhei uma última vez por cima do ombro, apenas para encontrá-la observando tristemente o Globo de vidro apagado, como se esperasse que ele voltasse a exibir imagens de sua criadora a qualquer momento.

Assim que fechei a porta atras de mim, me deixei escorregar até o chão, apoiada contra a madeira polida. O livro em meu colo não era tão pesado quanto parecia, muito menos maligno, sequer parecia possível que Relicta tivesse saído dele.

Do outro lado do mar.

Suspirei e o folheei, tentando descobrir mais sobre meu atual inimigo. Moira que ficasse de lado, naquele momento eu tinha outro mal para combater. Pelo menos esse não se tratava de minha própria irmã.

Era um livro lindo, mas comum. Evitei me sentir decepcionada ao me deparar com ele; esperava talvez uma capa preta, caveiras, imagens pavorosas de seres malignos e depravações... mas tudo ali era aparentemente inofensivo e normal — pelo menos o que poderia ser considerado normal dentro de uma história de piratas.

Me levantei e levei o livro até a cama, talvez em meio às páginas eu tivesse alguma pista de como Relicta havia conquistado tamanho poder na mente da Autora, talvez encontrasse um segredo entre as palavras e personagens daquela curiosa história.

Então, em meio à noite, enquanto todos dormiam, eu mergulhava na história que vinha assombrando a Autora e todos da biblioteca.

Sem me dar conta de que é impossível encontrar luz enquanto se olha na direção da escuridão, mergulhei fundo entre as páginas do livro. Sem perceber que a cada segundo eu me envolvia mais com a história, deixei que meus olhos não se desviassem das folhas nem por um instante, com uma fome irrefreável de mais.

Antes que me desse conta do que estava fazendo, eu não conseguia controlar, já não me lembrava mais por que tinha começado a ler ou o que procurava entre as palavras, tudo o que eu queria era *mais*. Mais da história, dos personagens, dos conflitos, queria saber o que aconteceria, queria entrar naquele universo.

Li durante horas e horas, sem conseguir me conter. Tinha achado que ler aquilo seria como um mergulho desconfortável na escuridão e não sabia exatamente como me sentir quando me deparei com a mais prazerosa das leituras. Achava que aquele mal seria desconfortável e tão sombrio quanto a Rainha havia descrito, mas o que eu encontrava ali eram palavras deliciosamente escritas no papel, que me faziam perder a noção do espaço, do tempo e de mim mesma.

No dia seguinte, não saí do quarto. Me dediquei a ler até que encontrasse a famigerada página em branco que aguardava todos os livros dos personagens daquela biblioteca. Página após página, algo em mim se remexia profundamente, como se despertasse algo adormecido dentro de mim. E eu não sabia dizer se aquilo era bom ou ruim, nem a natureza daquilo que estava despertando.

Durante o dia, me dedicava inteiramente às páginas e, durante a noite, sonhos com ilhas mágicas e piratas invadiam minha mente. Quando por fim acabei, tive a impressão de que pouco tempo tinha se passado, mas sabia também que eu estava trancada naquele quarto, lendo sem parar e mal dormindo por dois dias.

Eu estava tão absorta entre as páginas que não senti o tempo passar e, quando por fim o livro acabou, de forma repentina e abrupta em meio ao clímax da história, meu coração acelerado pareceu parar repentinamente; foi como tombar no chão ou levar um soco no estômago. Eu queria mais, *precisava* saber o final.

Eu mesma me surpreendi com a voracidade de minha leitura e com minha reação ao livro, mas em meio à madrugada e ao cansaço mental, me vi envolta por uma névoa de sonolência, como a que sentimos depois de chorar ou de praticar algo muito intenso, e logo adormeci.

### — CAPÍTULO 4 —

Em meio às imagens de lutas de espadas, marinheiros do mal, sereias e maldições que ainda pulsavam em minha mente após a leitura, me vi sonhando com ilhas mágicas e princesas que se revelavam bruxas.

Pisquei algumas vezes. Eu estava lá, em seu sonho novamente. Olhei em volta e mais um dos cenários exóticos e malucos de sua mente se estendia diante de mim: eu estava em uma ilha, o mar à minha volta era vermelho carmesim e refletia o céu de um jeito engraçado. Eu tinha certeza de que alguma criatura — ou melhor, criaturas — nos cercavam no mar.

Não era uma ilha muito grande, na realidade, talvez apenas um pouco maior do que meu próprio quarto da biblioteca, e não havia nada de muito interessante ali. A Autora olhava em volta um tanto consternada, parecendo agitada.

Olhei em volta, tentando entender o que a assustava tanto, mas nada parecia ser realmente tão perturbador no lugar. Talvez fossem as criaturas de escamas negras, que por vezes surgiam na superfície, de relance.

Assisti à Autora se perturbar cada vez mais, andando agitada de um lado para o outro, e comecei a me preocupar. Quanto mais ela se agitava, mais o mar parecia ficar agitado e tempestuoso, e mais tensa eu ficava.

— Você está começando a me assustar andando de um lado para o outro desse jeito — comentei em tom de súplica, nervosa, mesmo sabendo que ela nunca me ouvia em seus sonhos.

Subitamente a Autora parou no lugar e olhou em minha direção, de olhos arregalados, me deixando tão assustada quanto ela.

- Espera, você está me ouvindo? perguntei, surpresa.
- Quem... Como... A Autora parecia ainda mais apavorada do que eu e tão confusa quanto.

Antes que nossa conversa pudesse continuar, um alto trovão nos fez pular de susto, seguido de um raio cegante que cortou o céu. As nuvens escuras pairavam sobre nós e sobre o mar agitado, ondas cada vez maiores quebravam para, então, outras ainda maiores se formarem.

Foi quando o vimos. No instante em que a imagem chegou aos meus olhos, eu sabia do que se tratava. O navio de Relicta — o mesmo que eu adormecera lendo a respeito, cuja imagem ainda era viva em minha mente — surgia no horizonte entre as enormes ondas.

Como se o próprio mar de sangue se abrisse para ele, a enorme embarcação o cruzou, vindo em nossa direção.

 Não, não, não... — murmurei para mim mesma, notando, pelo olhar da Autora, que ela pensava o mesmo.

Me virei abruptamente para ela e segurei em seus ombros, olhando firmemente em seus olhos. Não sabia quanto tempo mais aquilo duraria, nem o quanto eu conseguiria dizer para ela, então as palavras jorraram de minha boca o mais rápido que eu pude:

— Não dê chances para ela, está bem? Não dê ouvidos a Relicta, isso é muito importante. — A cada palavra que saía da minha boca, o vento ficava mais forte, levando meu aviso com ele. Apesar disso, o nome de Relicta foi a única palavra que a Autora pareceu ouvir com total clareza, dado o brilho meio perturbador que chegou em seus olhos com a menção da personagem. — Escreva qualquer outra coisa, mas escreva, está bem? Precisa terminar as histórias... — eu gritava contra o vento, confusa e despreparada. O olhar da Autora parecia perdido e temeroso em direção ao navio, mas notei que algo mais preenchia seu olhar, uma espécie de fascínio desejoso.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, o vento ficou ainda mais forte, me levando para longe. A areia que voava me obrigou a tapar o rosto com os braços, e nenhum som além das selvagens ondas se quebrando e dos violentos trovões era possível de se ouvir. Nem eu mesma conseguia me ouvir gritar e, antes que me desse conta, estava sendo levada para longe pela tempestade, em direção ao mar.

O choque contra a água me fez prender a respiração, mas não demorou muito antes que eu perdesse o fôlego e visse as bolhas de ar, que saíam de dentro de mim, rodopiarem em volta de minha cabeça. Assim que as bolhas se dissiparam e pontos pretos começaram a tomar conta de minha visão, eu as avistei: as serpentes malignas nadaram até mim numa velocidade aterrorizante, seguidas do meu grito afogado enquanto me puxavam para o fundo.

Acordei tossindo e sem ar. Como um raio, me sentei enquanto ainda me sentia afogada. A cada tossida, a percepção de que aquilo fora mais real do que parecia a princípio se instalava em mim, especialmente quando água começou a sair dos meus pulmões.

Água salgada e avermelhada era despejada de minha boca para os lençóis brancos, me assustando ainda mais. Não era possível.

Assim que consegui inalar um pouco de ar, tentei acalmar a respiração e a mente, me esforçando para dar algum sentido a tudo aquilo.

Me levantei ainda zonza. Não era possível que aquilo tivesse sido apenas um sonho estranho meu, que nada daquilo tivesse sido real. Mais real do que a água salgada daquele mar arranhando minha garganta naquele momento, impossível.

Me limpei e corri para fora do quarto, eu precisava falar com a Rainha sobre aquilo.

Assim que deixei o quarto, soube que tinha algo de errado. Todos pareciam nervosos e agitados e não demorou muito para eu entender o porquê: o Globo de vidro parecia não se decidir entre permanecer aceso ou apagado.

Me aproximei, tão confusa quanto todos os outros.

O Globo de vidro acendia e apagava repetidamente, sem padrão algum. A Autora se revelava através do vidro ora sim, ora não, com uma expressão aflita e confusa, como se vacilasse na certeza de suas ideias.

Ela estava prestes a criar alguma coisa, eu sabia disso.

Logo encontrei a Rainha e a puxei pelo braço, ansiosa.

— Eu consegui, falei com ela — disse rapidamente, sentindo um aperto em meu peito quando vi seu olhar esperançoso se voltar para

mim. — Estávamos em seu sonho e ela conseguiu me ouvir. Não deu tempo de falar muita coisa, mas implorei para que ela voltasse a escrever, para que não desse chance para Relicta. Talvez a ideia esteja na cabeça dela, talvez ela escreva alguma coisa...

A Rainha olhou confusa de mim para o Globo de vidro e para mim de novo, aparentemente começando a se preocupar.

Antes que dissesse qualquer coisa, o Globo de vidro brilhou, mais forte e vibrante do que eu já tinha visto. Corri até ele junto com os outros, deixando a Rainha para trás. Todos ali olhavam com um misto de medo e esperança para o Globo, esperando que a Autora voltasse a escrever suas respectivas histórias, mas temendo que fosse a história de Relicta a ser continuada desta vez.

A Autora se sentou e, com um suspiro triste, pegou seu computador. No mesmo instante, a biblioteca começou a tremer levemente, fazendo com que os livros que se remexiam fizessem um alto som e algumas coisas caíssem de cima das mesas.

A cada segundo que passava, eu ficava mais ansiosa e mais incomodada; a culpa começava a me consumir e os pensamentos que eu tentava abafar, por vezes, eram fortes demais: e se minha leitura tivesse causado algum mal? E se, durante os últimos dois dias no quarto, imersa na história de Relicta, eu estivesse perdendo um tempo que a pirata soubera muito bem aproveitar para seus próprios fins? E se eu tivesse feito com que a Autora voltasse a escrever *Do outro lado do mar*?

Quando as palavras começaram a sair da mente da Autora e apareceram em sua tela, o som de uma porta sendo arrombada fez com que todos pulassem no lugar e se virassem em direção ao corredor.

Para meu horror, não demorou muito mais para eu entender o que estava acontecendo: o livro de Relicta, flutuando pelo ar como se puxado por uma força invisível, vinha rápido como o vento em nossa direção. Alguns tiveram que se abaixar para não serem atingidos por ele, que nem por um momento se desviou de sua rota em direção ao altar onde minha história estava há um mês atrás. Ele se abriu exatamente na última página escrita e nova tinta começava a manchar as páginas com a continuação da história.

A biblioteca ficou em um silêncio mortal e, aos poucos, as cabeças começaram a se virar em minha direção.

- O que você fez? murmuraram muitos deles.
- O olhar de horror da Rainha foi o suficiente para que eu me encolhesse. *O que eu fiz?*

A Rainha se aproximou de mim com o cenho franzido e olhos cheios de dor e dúvida.

- O que exatamente você disse a ela? O que você estava fazendo nos últimos dias? Achei que tivesse conseguido sair da biblioteca, que tivesse entrado em sua mente...
- Eu... Pisquei algumas vezes, tão confusa quanto ela e repassando todo o sonho e os últimos dias de novo e de novo em minha mente. Eu não tinha muito tempo... pedi para que ela escrevesse. Implorei, na verdade.
- E onde você estava? O que aconteceu? perguntou ela, parecendo desesperada.

Meu estômago afundou e um pressentimento ruim se apossou do meu corpo. Sabia que o que tinha feito era errado pelo simples fato de não querer admitir para todos ao meu redor.

— Não, não, não... — murmurei, depois de me sentir retorcer de vergonha e culpa por dentro. Por fim, admiti. — Passei os últimos dias lendo. Lendo a história de Relicta. No começo, pensei que pudesse encontrar alguma coisa ali e, quando me dei por conta...

A Rainha deu um passo para trás, de coração partido. Não permaneceu na minha frente por muito mais tempo; se afastou de mim e, sem olhar para trás, ficou de frente para o Globo de vidro, assistindo à Autora com lágrimas nos olhos.

Todos olhavam para mim, decepcionados. Aparentemente todos já estavam cientes de minha missão e, agora, de minha falha. Não havia gritos e confusão sobre o que fariam comigo, apenas decepção e desesperança.

Sabiam que nada poderia ser feito, eles já tinham tentado de tudo na primeira vez em que a Autora escrevera *Do outro lado do mar...* E agora, graças a mim, ela estava escrevendo novamente a mesma história que eles haviam lutado tanto para apagar.

Ninguém sabia o que fazer. Todos apenas sentaram-se ou caminharam para seus quartos, esperando serem apagados ou tomados pela Praga — que todos tinham certeza de que voltaria — a qualquer momento.

Eu me sentei em uma cadeira mais próxima, com a sensação de que já não havia mais chão abaixo de mim. Onde eu estava com a cabeça? O que estava pensando enquanto lia aquele livro?

Fechei os olhos com força, mas mesmo isso não afastava de minha vista o brilho forte que emanava do Globo de vidro. *Pense, pense, pense.*..

Achava que, se lesse o livro de Relicta, lá encontraria alguma resposta, mas agora conseguia ver quão tola havia sido. Claro que eu, conectada com a mente da autora por algum motivo, iria despertar dentro dela alguma coisa ao ler a história de Relicta. O pior de tudo era que eu tinha sido alertada pela Rainha, não estava ignorante dos perigos do livro de Relicta.

Me levantei abruptamente, com o coração acelerado. Eu precisava consertar aquilo. Caminhei em direção ao livro no altar, decidida a encontrar uma maneira de destruí-lo. Sentia os olhares sobre mim a cada passo, mas tentei me manter firme ao caminhar.

Olhei para o livro por algum tempo, finalmente deixando de subestimar o mal. Por fim, decidida a dar um fim naquela fonte de escuridão que não tardaria muito a causar danos, estiquei o braço para pegar o livro.

Pisquei algumas vezes, em choque. Tentei removê-lo do altar com as duas mãos, mas o livro não saía do lugar. Com toda força que pude, tentei levantá-lo, arrastá-lo, movê-lo de qualquer maneira que fosse possível. Nada. Olhei à minha volta e ninguém parecia surpreso com minha falha.

— Não vai sair daí, garota — disse Harold, o viking.

Depois de um tempo, todos perderam o interesse em minhas tentativas frustradas. Mal ergueram os olhos quando, da tinta do livro, escorreu uma espécie de fumaça escura — como sombra — e começou a se espalhar no chão. Era a Praga.

Arregalei os olhos, horrorizada, enquanto todos apenas suspiravam, tristes, aguardando por seu destino.

## — CAPÍTULO 5 —

Levou menos de um dia para o primeiro personagem ser atingido pela Praga.

Aos olhos daqueles que estavam ali fazia tempo, a cena era mais triste do que assustadora — o que não era o meu caso.

Durante o dia, aquela Praga se espalhou pelo chão como neblina na madrugada. Quando finalmente encontrou o primeiro livro, se enrolou à sua volta feito uma serpente e logo suas páginas começaram a se encher de manchas.

Era, para meu horror, a história da pequena fadinha desbocada que andava com Harold. Ela estava a poucos metros de mim, sentada em um livro na frente do viking; ele conversava baixinho com ela, cheio de seriedade e preocupação no olhar.

Vi primeiro seu livro se manchar, mas foi apenas com a exclamação de dor de Harold que a avistei.

Ele implorava para que aquilo parasse enquanto ela se contorcia, sendo manchada de dentro para fora por aquela tinta, que aparecia e desaparecia de seu corpo enquanto ela sufocava.

Harold a pegou nas mãos — que ela mal preenchia por completo — e lágrimas rolavam até sua barba enquanto ele esperava passar. Quando tudo acabou, não havia mais fadinha; apenas tinta preta escorria por seus dedos grossos.

Olhei para os outros livros, todos sujeitos ao mesmo destino sem que nada pudesse, de fato, protegê-los. Mais uma vez, senti os olhares acusatórios sobre mim e os cochichos se espalhando, mas nenhum deles era mais alto do que a voz que ecoava em alto e bom som em minha mente: eu tinha trazido a Praga sobre eles novamente.

Não consegui voltar para meu quarto, não tinha coragem de me esconder dos olhares quando sabia que a culpa era minha. Repassando os dias anteriores em minha mente, me vi como uma tola.

A Rainha me alertara dos perigos do livro, da Praga e do mal; havia me orientado para que eu tivesse cuidado. E nada naquilo tinha me impedido de mergulhar fundo na história que aquelas páginas guardavam.

Talvez eu tivesse uma ideia errada sobre o mal. Achava que ele se mostrava claramente e que jamais poderia ser tão prazeroso e agradável quanto aquela leitura, mas não. Mesmo um livro tão bonito aos olhos, agradável à imaginação e de palavras tão bem escritas, poderia trazer sobre nós uma Praga tão destrutiva e difícil de se livrar.

Era fácil se deixar levar pelo que parecia agradável e, olhando para trás, meus passos eram de fato tolos, ingênuos. Eu tinha alimentado a minha mente — e, consequentemente, a da Autora, por estarmos ligadas — com a história de Relicta por dois dias e, agora, recaía sobre todos as consequências do meu erro, da minha ingenuidade e teimosia.

Fiquei sentada no mesmo lugar até que todos já estivessem em seus quartos e eu estivesse sozinha com aquela Praga, que se espalhava por toda a biblioteca. Durante o dia seguinte, outros personagens caíram subitamente no chão e se contorceram dolorosamente. A cada história caída, mais a certeza de que eu deveria descobrir como resolver aquilo crescia em mim.

Por fim, tomei coragem e olhei para o livro novamente. Parte de mim tinha aprendido a lição e sabia que se tratava de uma porta para o mal. A outra parte tinha consciência de que ali estava a continuação da história que eu, para minha própria vergonha, ainda ansiava por saber o final.

Não ousei chegar mais perto dele do que o necessário, agora já me conhecia melhor e sabia que não tinha muita força quando se tratava de domínio próprio. Ao invés disso, tentei procurar uma saída que não envolvesse olhar para a fonte do mal.

Vasculhei cada canto da biblioteca que, até ali, tinha permanecido inexplorado por mim. Olhei para as pinturas e até mesmo procurei por passagens secretas; vasculhei atrás de quadros, bati em partes suspeitas das paredes, girei abajures em busca de maçanetas escondidas e arrastei mesas. Nada ali dava a mínima impressão de ser uma saída da biblioteca.

Depois de mais de uma hora de busca, me joguei em um dos sofás, cansada. Como Relicta saía dali? Será que havia alguma passagem em seu quarto?

Me levantei num pulo com a ideia e caminhei o mais rápido e silenciosamente possível em direção ao cômodo, atravessando o corredor escuro e silencioso. Para minha surpresa, não encontrei qualquer quarto com seu nome na placa. Do começo ao fim do corredor, nada parecia sequer semelhante a uma saída.

Claro que não estava encontrando seu quarto, ela estava em seu mundo naquele momento. Seu quarto devia desaparecer sempre que ia embora.

Suspirei e me apoiei na parede vazia do fim do corredor, frustrada. Aos poucos, sentia a pouca esperança e confiança que haviam me motivado durante as últimas horas se esvaindo de meu corpo.

Sem mais qualquer expectativa, observei o longo corredor. Apesar de estar escuro, as lâmpadas acesas à óleo — que jamais se apagavam ou precisavam de qualquer reparo ou reposição, apenas queimavam continuamente dia e noite — exibiam o papel pintado que preenchia as paredes.

Galhos e mais galhos se estendiam pela parede, com pequenas folhas em suas pontas. Era um papel de parede um pouco velho, mas bonito, com detalhes dourados e esverdeados. De alguma forma, parecia novo ao mesmo tempo.

Acompanhei o caminho dos galhos até mim e me virei, encontrando o tronco que os sustentava naquela parede vazia. Era uma bela e grandiosa árvore, com raios de sol que saíam de trás do tronco e se estendiam pela parede. Era absolutamente lindo, e me perguntei se cada detalhe daquela curiosa biblioteca tinha saído da mente da Autora, de forma consciente ou não.

Suspirei depois de um tempo observando a árvore, frustrada e sem respostas, e caminhei até o Globo de vidro, sem saber mais por onde andar. Olhei para o vidro, que desde de manhã não deixava de brilhar, exibindo a Autora em seu trabalho criativo. Um misto de temor e admiração me atravessava sempre que olhava para ela.

A Autora escrevia em seu computador, concentrada. Olhava para a luz que ele emitia e tinha o olhar de alguém sedento bebendo água fresca, mas sem conseguir se satisfazer. Talvez aquele não fosse realmente seu olhar, era uma percepção específica demais para que eu a retirasse simplesmente de seus olhos. Eu *sentia* o que ela estava sentindo, como tantas vezes antes, enquanto olhava para ela.

Mais uma vez, me perguntei o que poderia haver de diferente em mim. Por que *eu* conseguia entrar na mente da Autora? Por que não a Rainha, que a conhecia tão melhor do que eu e que, com certeza, decifraria com muito mais facilidade o enigma que era aquela biblioteca?

Durante a semana que se seguiu, as coisas ficavam piores a cada segundo. Comparado a quando cheguei, os personagens haviam sido reduzidos pela metade; mais e mais eram atingidos pela Praga e, a todo instante, alguém caía ao chão delirando de dor, para então se desfazer em forma de tinta escura.

Era doloroso ver o efeito que a Praga tinha sobre a biblioteca, que aparentemente não era fixa, mas mudava de acordo com seus habitantes. Com tantos personagens sendo esquecidos — ou destruídos, de certa forma — ela diminuía de tamanho. Menos mesas estavam espalhadas, menos quadros pendurados e o corredor dos quartos com certeza estava mais curto.

Eu passava as noites repleta de sonhos esquisitos — alguns deles com a história de Relicta, outros com a Autora, e ainda alguns com a árvore do fim do corredor, em que eu a via como uma árvore de verdade e podia me recostar contra seu tronco e sentir os dourados raios de sol que saíam de trás dela me aquecendo — e, durante os dias, assistia à decadência que aos poucos consumia a biblioteca.

A Rainha estava cada dia mais apagada e cabisbaixa conforme sua família desaparecia ao seu redor. Ela não me olhava com o mesmo olhar acusatório de todos os outros, o que deixava tudo ainda pior.

A Praga manchava os móveis, e as prateleiras pareciam tomadas pela névoa maligna, que consumia os frutos da imaginação da Autora.

No quinto dia foi quando as coisas passaram a desandar por completo..

Estávamos todos sentados na maior mesa da biblioteca — naquele ponto, todos cabiam ali e estavam muito mais unidos —, em um silêncio triste e absoluto.

O Globo de vidro brilhava incansavelmente, mas, em meio à tarde, um estranho comportamento de nossa janela até a Autora chamou a atenção. A luz de repente ficou mais forte ainda, como se pulsasse e se expandisse sem aumentar de tamanho.

Olhamos desconfiados para o Globo de vidro, que exibia a Autora digitando sem parar. Ela estava mais magra e tinha olheiras profundas, mas não havia cansaço em seu olhar; ansiedade, talvez, como se quisesse apenas terminar logo.

Nos levantamos e ficamos observando-a ao redor do Globo de vidro, que seguia em seu pulsar de luz anormal. A luz passou a ficar mais intensa a cada pulsar, nos obrigando a proteger a vista. Pelo canto do olho, notei a Praga igualmente agitada, se espalhando ainda mais rápido e com maior intensidade por toda biblioteca.

Olhamos assustados uns para os outros e para a Autora, sem entender o que estava acontecendo. A Praga se espalhava descontroladamente, como uma onda feroz, manchando as mesas, as paredes, os móveis; voando por cima de nossas cabeças e nos obrigando a nos abaixar.

A luz intensa do Globo praticamente nos impedia de enxergar a Autora em meio ao caos. Por vezes, enquanto cerrava os olhos e me concentrava, conseguia vê-la enxugar os olhos, que mal desviavam da tela. Aos poucos, o tremor que afetava apenas o Globo de vidro se espalhou, e toda a biblioteca passou a tremer.

Os livros começaram a cair das prateleiras, os abajures das mesas se espatifavam no chão e as cadeiras saíam de seus lugares. Era como se tudo ali estivesse entrando em colapso e se destruindo. Os quadros balançavam e caíam, o teto descascava e rachava, espalhando falhas pelas paredes.

A Praga já havia tomado todas as paredes e praticamente tudo ao nosso redor. No centro da biblioteca, o Globo de vidro continuava brilhando e vibrando cada vez mais enquanto os tremores, que iam do chão ao teto, pareciam apenas ficar mais fortes.

Olhei para os personagens remanescentes à minha volta — Tátia, Harold, a Rainha, um alienígena e mais alguns outros com os quais eu sequer havia conversado —, ninguém falava nada e todos pareciam ver a morte se aproximar.

Harold foi o primeiro a ser tomado. Sem qualquer aviso, a Praga atacou seu livro e o consumiu por inteiro. Não houve dor torturante ou qualquer coisa além daquela fumaça escura, que o desfez em uma poça de tinta preta.

Ele foi apenas o primeiro. Depois disso, a Praga parecia decidida a destruir todos ali. Avançava e consumia personagens de forma rápida e aleatória, causando gritos e pânico generalizado.

Engoli em seco e assisti a personagem por personagem ser destruído. A biblioteca, antes cheia e movimentada, agora estava destruída e vazia, restando apenas eu e a Rainha.

— O que eu faço? — perguntei como uma súplica à única pessoa que podia me ajudar.

Ela me olhou aflita, e seus olhos desesperados percorreram todo o cômodo, que parecia diminuir enquanto a Praga avançava até nós.

— Eu não sei — declarou ela por fim, como quem declara a própria morte.

Ela se virou para mim sem medo nos olhos, apenas tristeza e profunda determinação.

— Encontre a saída. Se Relicta a encontrou, você pode encontrar — disse ela com firmeza, segurando minhas mãos. — Destrua o livro.

#### — O que...

Antes que eu pudesse terminar de falar, a Praga deu seu bote e se apossou de todo o corpo da Rainha de uma só vez, envolvendo-a em escuridão e me obrigando a me abaixar e proteger os olhos.

Tudo se intensificava cada vez mais — a luz forte vinda do Globo, a Praga que rodeava ferozmente a biblioteca, o tremor e um

vento que eu não sabia de onde vinha —, até que eu estivesse abraçando meus joelhos e com a cabeça baixa, sentindo lágrimas escorrerem por minha bochecha.

Ergui os olhos apenas o suficiente para enxergar o que estava acontecendo. Havia apenas eu e aquela tempestade na biblioteca, que fazia objetos voarem e móveis se quebrarem. Rastejei até o Globo de vidro e tentei enxergar alguma coisa através do brilho cegante.

— Por favor, pare — implorei baixinho contra o vidro, que esquentava.

A Praga se aproximava de mim enquanto eu me espremia contra o vidro, prevendo meu destino.

Foi quando um alto som de vidro trincado preencheu o ambiente e, subitamente, tudo parou.

Pisquei algumas vezes, surpresa e confusa. Olhei à minha volta enquanto as coisas paravam de voar e caíam com sons abafados no chão. A Praga ficou com um aspecto de tinta seca contra os móveis, as paredes e o chão, como se até mesmo ela tivesse perdido a vida. Não havia mais vento ou tremor.

Me virei e vi que até mesmo a luz do Globo de vidro e a imagem da Autora haviam cessado. Me assustei quando meus olhos repousaram sobre o Globo e eu me deparei com a origem do som que fizera tudo parar: uma enorme rachadura cobria sua lateral.

Me levantei lentamente e olhei horrorizada para o cenário à minha volta: tudo estava destruído. O Globo estava rachado e completamente apagado, exibindo um cinza sem vida contra o vidro. Na verdade, tudo ali parecia meio cinza — não havia mais luzes e velas, tudo estava meio escuro e apagado —, os móveis que restavam estavam virados e destruídos, havia páginas, pedaços de quadros e de cadeiras espalhados pelo chão; as estantes estavam manchadas pelo que outrora fora a Praga viva, mas que parecia mais como se uma caneta gigante tivesse estourado no centro da biblioteca e manchado tudo ao seu redor. Do teto ao chão, uma enorme rachadura cobria a lateral da biblioteca.

Um silêncio preenchia o ar e, aos poucos, o peso do que estava acontecendo recaía sobre mim. A biblioteca estava destruída.

Abandonada. E apenas eu tinha sobrado.

Pisquei algumas vezes, olhando mais uma vez à minha volta sem saber o que fazer. Não apenas eu nunca mais voltaria para casa, como também tinha selado o destino de todos os personagens ali a serem tão deprimentes — ou mais — quanto o meu.

Eu não voltaria para casa...

Respirei fundo, evitando entrar em pânico. O que eu iria fazer? Como sair dali? Fechei os olhos e, quando a primeira lágrima escapou, nada pude fazer para impedir as que a seguiram.

Eu não encontraria meu dragão novamente, nem meus amigos ou minha terra. Não falaria com Moira outra vez. Ela ficaria para sempre congelada em nosso mundo como uma traidora.

Eu já não tentava mais impedir o choro de sair, seriam todos esquecidos. Ninguém jamais conheceria a bravura de Harold, o viking. Não ouviriam falar da fadinha desbocada, dos robôs gêmeos e jamais leriam o estranho arco de redenção de Tátia. Suas histórias permaneceriam para sempre ali, caídas naquela biblioteca destruída.

Ninguém conheceria a bravura e o sacrifício de meus amigos do meu mundo, obrigados a abrirem mão de tudo o que conheciam para me ajudarem a impedir minha irmã. Tudo ali permaneceria congelado e esquecido para sempre, uma biblioteca de histórias não contadas.

Não sei por quanto tempo fiquei chorando ali, talvez por horas. Eu estava presa naquele lugar sem saída e fadada a ficar ali sozinha para sempre.

Caminhei até o altar onde a história de Relicta estava e notei que o livro estava fechado. A história, finalizada. De alguma forma, Relicta era a única que havia saído intacta de tudo aquilo e agora descansava tranquilamente em seu mundo. A bela capa agora não tinha efeito sobre mim. Descobri que não me interessava pelo que quer que fosse o conteúdo daquelas páginas. Se o preço era a destruição à minha volta, então não valia a pena.

Mesmo terminada, aquela ainda era a história mais poderosa daquela biblioteca e seu poder obrigava a própria biblioteca a se curvar. Não havia espaço, aparentemente, para que qualquer outra coisa fosse escrita além dela.

Olhei para os livros largados ao meu redor. Nenhum deles seria terminado pela Autora, eu sabia disso. De alguma forma, a conexão inexplicável que eu tinha com a Autora me permitia ter tamanha convicção: não haveria mais histórias. *Do outro lado do mar* permaneceria naquele altar até o fim da biblioteca.

Não havia mais a Praga, porque não havia mais histórias para serem destruídas.

Mas então, como eu ainda estava ali?

Aquilo não fazia sentido, eu tinha assistido a cada um dos personagens daquela biblioteca ser aniquilado pela Praga. O que eu ainda estava fazendo ali? Por que ela não havia me consumido como fizera com todos os outros?

Aos poucos, meu choro cessou com a pergunta que ecoava em minha mente. Todas as histórias tinham sido consumidas, exceto eu. Nenhum personagem tinha acesso à mente da Autora além de Relicta, exceto eu.

Levantei e comecei a caminhar lentamente pela biblioteca. Se eu tivesse essa resposta, talvez eu pudesse encontrar outras, talvez as coisas se encaixassem.

Caminhei sem rumo por alguns minutos, matutando sobre a questão; parei na frente da minha porta e encarei a plaquinha dourada e sem nome.

Pense, pense, pense...

Fechei os olhos e tentei encontrar alguma resposta dentro de mim, mas parecia tão inútil quanto olhar no espelho procurando por outra pessoa refletida ali além de mim mesma.

Bufei e abri os olhos novamente, encarando meu pequeno reflexo na plaquinha dourada. Era possível enxergar apenas meus olhos nela e os encarei por algum tempo, antes de desistir de novo. Eu não encontraria resposta nenhuma ali.

Dei um passo para trás, pensativa, quando um tremor me fez precisar me apoiar na parede para não cair. A biblioteca toda estava tremendo novamente.

Assim que o tremor passou, caminhei para fora do curto corredor que restara, olhei para o teto e notei que a rachadura que

percorria toda a lateral da biblioteca havia crescido consideravelmente.

Respirei fundo, tentando não entrar em pânico. Se eu não havia sido apagada, o que aconteceria comigo se estivesse ali quando tudo ruísse de forma definitiva?

Perambulei entre os escombros por não sei quanto tempo. Passava pelo meu quarto, saía, andava pela biblioteca destruída, dava voltas entre os móveis caídos e tentava, de alguma forma, encontrar alguma resposta escondida dentro de mim. Por que eu estava ali? Eu explorava minhas memórias e minhas percepções em busca de pistas que me levassem à resposta, tentava com afinco encontrar uma ideia ou até mesmo uma pequena luz entre os pensamentos confusos que passavam por minha mente, mas sem qualquer resposta. Acabei frustrada e com dor de cabeça.

Por fim, me vi jogada em minha cama com a cabeça latejando e minha mente já não conseguindo mais formar pensamentos completos ou até mesmo racionais. Já não restava mais nada que eu pudesse fazer. Pensava que seria difícil cair no sono depois de tantas coisas, mas, em meio à névoa difusa e cansativa de pensamentos que eu tinha em minha cama e depois de longas horas estressantes, fui tomada pela exaustão.

Não saberia dizer quantos dias tinham se passado desde que todos tinham sido consumidos pela Praga. Passava-os apenas perambulando pela biblioteca, deprimida e desanimada, cada dia menos esperançosa de encontrar algo que me ajudasse a sair dali para pelo menos *tentar* consertar tudo aquilo.

Sem sucesso, por vezes apenas sentava em uma das poltronas que permaneciam inteiras e encarava o vazio, esperando que algo acontecesse. Vez ou outra, me assustava com novos tremores que percorriam a biblioteca, indicando que ela estava cada vez mais próxima de ruir completamente.

Às vezes os tremores eram tão fortes, que achava ser o meu fim. Enquanto o teto se esfarelava e as paredes rachavam cada vez mais, pensava no quão ridículo seria se, depois de tudo o que eu tinha vivido em meu mundo, acabasse morta esmagada por uma biblioteca.

Eu já não via mais a Autora com tanta frequência em seus sonhos — ou melhor, acho que ela não sonhava mais como antes. Às vezes eu sabia estar presente em sua mente durante seu sono, mas eram imagens difusas e confusas à minha volta, em sonhos ora perturbadores e ora vazios. Desde aquela noite na ilha, nunca mais fui capaz de falar com ela.

Nas noites sem sonhos da Autora, eram os meus próprios os responsáveis por confundirem minha mente. Algumas vezes, meus sonhos eram lembranças de meu mundo; outra vezes, minha mente me pregava peças, me fazendo achar que tinha voltado para casa ou que a biblioteca desabava sobre minha cabeça, me esmagando de uma só vez.

No último de meus sonhos, lá estava eu novamente em frente ao papel de parede, encarando a árvore desenhada no fim do corredor e os raios de luz dourada que cintilavam, saindo de trás dela. Eu estava apenas parada ali, observando-a; seus detalhes pareciam vivos e os raios de sol dourados, que saíam de trás dela, cintilavam. Acompanhei seu brilho, que formava um arco cintilante, com os olhos. Franzi o cenho, sentindo que alguma coisa estava passando despercebida.

Caminhei até o desenho, passei a ponta dos dedos ao redor do arco formado por brilho e notei um relevo por baixo do papel pintado. Meu coração acelerou com a descoberta e logo olhei para os cantos da parede, decidida a arrancar o papel e descobrir o que tinha ali atrás.

Encontrei uma falha nas bordas do papel e me surpreendi quando, ao puxá-lo, descobri que estava solto na parede e não preso, como imaginei a princípio. Ergui o tecido até que me deparei com uma bela porta de madeira bem na minha frente, com detalhes em ferro que lembravam heras. Não havia maçaneta, apenas o recorte da madeira em forma de arco na parede e as dobradiças — um indicativo de que ela abriria.

Antes que eu pudesse de fato empurrar a porta, meus olhos se abriram e eu me sentei ofegante em minha cama. Meu coração martelava contra o meu peito e eu precisei piscar algumas vezes para me lembrar de onde estava. Aquilo não poderia ser apenas um sonho.

Pulei da cama, decidida a tirar aquilo a limpo. Assim que abri a porta, fui impedida de continuar meu caminho pelo tremor que começou de repente e me derrubou no chão. O estrondo de coisas caindo me despertou do choque e dei meu melhor para rastejar para fora do quarto.

A visão da biblioteca me fez paralisar: a rachadura estava aumentando de forma significativa mais e mais a cada segundo. Depois de resistir ao máximo, a parede por fim se rompeu e tudo começou a desabar. O susto me despertou e rastejei até minha única esperança de fuga enquanto a destruição se aproximava: a parede no fim do corredor.

Tremendo e sentindo meu coração bater forte, puxei o fundo do papel de parede e senti alívio ao encontrar a porta. Tateei de joelhos à procura de uma forma de abri-la enquanto as paredes cadentes se aproximavam.

Tentei puxar, bater, gritar e empurrar. Por fim, começando a sentir um pavor crônico se apossar de mim, implorei.

— Abra, por favor, abra...

Um barulho saiu de dentro da madeira, como o da chave girando na fechadura. Pisquei algumas vezes e empurrei a porta mais uma vez, um segundo antes de quase ser esmagada pela biblioteca em colapso.

Rolei para o outro lado da porta e olhei assustada para o lugar em que eu estivera alguns segundos antes e que se encontrava coberto por escombros. Continuei paralisada, ofegante, absorvendo os últimos segundos.

Encarei a biblioteca, mais destruída do que nunca, cheia de poeira e escombros caídos. Apenas o altar era visível em pé, como um sobrevivente refém do livro maligno que governava a biblioteca caída.

Somente depois de me acalmar, foi que eu passei a olhar o cenário à minha volta. Eu estava em um corredor, um longo e belo corredor. Parecia um palácio ou casarão antigo, uma agradável luz vinha de belas lâmpadas provençais nas paredes. No chão se

estendia um longo tapete bordado com imagens detalhadas e delicadas.

Respirei fundo mais uma vez e me levantei. Aparentemente os tremores atingiam apenas a biblioteca, nada ali parecia ter sentido sequer um vento passando.

Olhei uma última vez para a biblioteca antes de começar a andar, ainda confusa. O lugar era completamente silencioso e vazio, mas não tinha um aspecto de abandonado — não era sequer empoeirado, na verdade — e um leve aroma de canela e cravos preenchia o ar. O corredor transmitia a mesma sensação confortável e aconchegante que a biblioteca quando eu cheguei. Tudo ali era amigável e leve, belo e refinado sem ser formal demais e, ao mesmo tempo, despojado sem ser relaxado.

Portas e mais portas estavam espalhadas pelo longo corredor. Todas da mesma madeira e com detalhes em ferro, mas era curioso como cada uma tinha um tamanho e formato diferente e, ao que tudo indicava, eram impossíveis de se abrir. Mesmo que eu empurrasse, batesse, chamasse ou pedisse para a porta — como misteriosamente tinha funcionado em minha fuga —, elas não se abriam.

Apesar do silêncio, sempre que eu encostava a cabeça ao lado de uma porta para tentar ouvir se tinha alguém lá dentro, escutava ecos de vozes, risadas, choros, músicas e tudo quanto era tipo de som vindo de dentro da sala. Mas aparentemente apenas eu podia ouvi-los, já que quando eu tentava chamar pelas vozes, aquilo não surtia efeito nenhum.

Caminhei pelo corredor sem saber para onde ir ou o que fazer, tendo a leve consciência, mas ainda sem muita clareza, de que estava na mente da Autora.

Descobri que não era um único corredor, mas sim uma série de corredores cruzados que se interligavam; todos semelhantes — para não dizer idênticos — uns aos outros, com as portas espalhadas por todos eles, parecendo infinitas.

Apesar de todas as portas serem semelhantes, no geral, notei que havia entre elas dois tipos. Todas eram tão escuras, que demorei a entender a diferença: dentre as portas, havia algumas ainda mais escuras — completamente pretas —, que eu não tardei em identificar como queimadas.

Essas portas pareciam ter sido tomadas por fogo em algum momento, mas nada além de sua coloração poderia dizer isso. Estavam inteiras e até mesmo polidas, mas claramente queimadas.

Caminhando pelos corredores, imaginei que, se a biblioteca era onde habitavam suas histórias, talvez os cômodos atrás das portas fossem outras partes de sua mente — o que me deixava ainda mais curiosa para entrar em cada uma delas e saber o que me aguardava do outro lado. Ideias, lembranças, sonhos...

Apesar de o cenário não mudar muito, eu não me cansava de caminhar pelos corredores. Procurava deixar os tapetes pelos quais passava bagunçados, para não perder o caminho caso tentasse voltar para a biblioteca.

Com o passar do tempo, notei que todos os corredores seguiam um certo padrão, que eu não conseguia decifrar por completo ainda — como se apontassem, no geral, para um lugar em comum. Senti que, se continuasse seguindo-os para onde me levavam, terminaria encontrando algo no final. Se é que existia um final.

Depois de curvas, portas queimadas, tapeçarias e incontáveis abajures, ao virar despretensiosamente em um novo corredor, levei um susto com a mudança abrupta de cenário: ao invés de mais da mesma paisagem, à minha frente estava uma grandiosa porta que parecia marcar o fim de meu caminho.

# — CAPÍTULO 6 —

Olhei surpresa para a porta, que era muito diferente de todas as outras. Ao invés da madeira escura ou queimada, era feita de puro ouro. Tudo nela era — em seu estilo, forma, tamanho e detalhes — tão diferente de todo o resto das outras portas ali, que não parecia se encaixar entre aqueles corredores. Ou se encaixava perfeitamente, eu não saberia dizer.

Me aproximei lentamente da porta enigmática, um tanto temerosa, evitando me empolgar demais. Até aquele momento, nenhum dos lugares nos quais buscara as respostas das quais precisava havia sido de muita utilidade. Já tinha tentado encontrálas no livro maligno que agora reinava na biblioteca destruída; na Rainha, que parecia tão sábia e cheia de certezas, mas que pouco pudera fazer para me ajudar.. Por último, as procurei em mim mesma, que mal sabia de qualquer coisa daquele lugar e, depois de vasculhar toda minha vida, minhas memórias e minha mente, nada pudera achar de útil para cumprir meu objetivo.

Então, depois de tantas frustrações, já era de se esperar que eu não depositasse tanta fé em uma porta cujo outro lado eu nem sabia o que escondia, ou sequer se era possível abri-la.

Quando estava perto o suficiente para girar a bela maçaneta — e me surpreendi ao perceber que aquela porta *tinha* uma maçaneta, diferente das outras —, respirei fundo e pisquei algumas vezes, sentindo meu coração acelerar.

Mas antes que eu pudesse abrir a porta, me deparei com meu próprio reflexo contra ela. Pisquei algumas vezes, vendo claramente minha própria imagem fazer o mesmo. Na biblioteca não havia espelhos e, somente agora, diante de meu reflexo, pensei mais sobre isso. Tinha mais de um mês que eu não me olhava no espelho, e a imagem que me encarava de volta me surpreendeu, sem que eu soubesse explicar muito o porquê.

Encarei minha imagem, ao mesmo tempo tão estranha e tão familiar. O reflexo daquela porta dourada me dava a impressão de ser mais real do que qualquer outra coisa que eu já tinha visto em minha vida, tanto em meu mundo quanto fora dele. Como se, pela primeira vez, o que eu via fosse a realidade, sem qualquer tipo de distorção.

Eu reconhecia aqueles olhos, aquele cabelo, o rosto, a altura, as mãos e a boca. Reconhecia cada traço refletido ali, mas não de mim mesma. A imagem que me encarava de volta não era a minha, ao mesmo tempo em que parecia ser mais eu do que qualquer outra. Os olhos que me encaravam eram os da Autora, mesmo que fosse eu quem estivesse movendo-os de um lado para o outro, checando se meu reflexo me obedecia.

Mordi o lábio, relembrando cada dúvida e questionamento meu sobre por que eu conseguia entrar na mente da Autora, como eu não tinha sido destruída, como estava ali... com o coração batendo forte e o reflexo da Autora — o meu reflexo — me encarando. A ideia que vinha tomando mais e mais forma passou ao nível de consciência.

O que aconteceria se a Autora escrevesse a si mesma em suas histórias? E se ela se colocasse em sua própria mente? O quão forte em sua mente essa personagem — ela mesma — seria?

Lembrei do olhar confuso e assustado da Autora quando falei com ela na ilha, durante o sonho que tinha mudado tudo. Não era apenas surpresa, mas também confusão, como se tivesse encontrado algo anormal. Eu não estava apenas na mente da Autora, eu fazia parte dela. Eu *era* parte dela. De forma consciente ou não, a Autora se escrevera em minha história e então eu estava ali, intrinsecamente ligada a ela e ela a mim.

Eu sentia o que ela sentia porque eu *era* ela. Eu quase conseguia ouvir seus pensamentos porque eles, de alguma maneira, eram *meus* pensamentos. Lembrei dos sonhos malucos que pensava serem apenas fruto de minha imaginação misturada com a da Autora, em que personagens da minha história haviam se infiltrado — Ileana, Moira e tantos outros que eu havia visto refletidos nos rostos em seus sonhos... todos apareceram não porque ela estava

sonhando com a minha história, mas porque aquelas eram pessoas de sua própria vida e ela os trouxera à existência em meu mundo.

Dei um passo para trás, desconcertada. Entendia tudo tão claramente agora, que me surpreendi por não ter chegado a essa conclusão antes. Minha atração pelo livro de Relicta, meu nome esquecido, meus sonhos, minha conexão com a Autora...

Olhei mais uma vez para a maçaneta, um pouco mais esperançosa. A porta já havia me ajudado sem que eu a abrisse, esperava que o lado de dentro fosse igualmente útil. Sabia que a resposta para solucionar todo o problema continuava a mesma: eu precisava destruir o livro de Relicta.

Mesmo com a biblioteca destruída, ele continuava lá, e continuaria reinando sobre os destroços até o fim. Sem me livrar do livro, não haveria chance alguma de falar novamente com a Autora e convencê-la a escrever todas as outras histórias que tinha começado — incluindo a minha. Sem me livrar do livro, não haveria biblioteca.

Respirei fundo e girei a maçaneta, decidida.

Assim que a porta se abriu, engoli em seco e coloquei minha cabeça para dentro. O lugar que se revelava diante de mim não poderia ter me surpreendido mais, era diferente de qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

Parecia uma espécie de pátio; o chão era de pedra e a sala, circular. Entrei lentamente, percorrendo meus olhos por todo lugar, absorvendo a vista: doze colunas formavam um círculo e o fogo acima delas iluminava o ambiente.

Mas a visão mais chocante e avassaladora do local — e de todas as que meus olhos já haviam capturado — era o centro da sala: uma enorme mesa de pedra tinha fogo dourado saindo de si. Na verdade, o fogo estava *em cima* da mesa, mas, ao me aproximar, notei que não havia nada que ele estivesse consumindo. Ele apenas queimava e queimava sem que precisasse ser alimentado.

Não era um fogo qualquer. Na verdade, era diferente de tudo que eu já tinha visto. Aquela era uma chama dourada que brilhava mais do que qualquer outra coisa, como se um resquício do próprio Sol estivesse abrigado dentro daquela sala; como se ali, entre aquelas chamas, estivesse reunida a luz de dez — dez não, cem! — tochas.

Encarei, sem palavras, a visão diante de mim. Minha respiração falhava e eu não sabia o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo em que um enorme temor se apossava de mim, eu não gostaria de estar em qualquer outro lugar que não fosse iluminado por aquela chama dourada e incessante.

Minha visão ficou turva quando meus olhos se encheram de lágrimas e logo as sequei, sem querer perder um segundo da vista.

De alguma forma, sabia que ali estava a resposta. Aquele fogo, o que quer que fosse, era a resposta da qual eu precisava, mesmo sem eu entender completamente como ou por quê.

Me lembrei do que a Rainha dissera sobre como a Autora havia parado de escrever a história de Relicta: "Não foi por causa de nada daqui de dentro, isso posso lhe assegurar. Veio de fora, encurralou Relicta, e a Autora a trancou aqui. Talvez a tivesse destruído de vez, se a Autora deixasse...". Era aquilo, só podia ser.

A sala não parecia em nada com o restante dos corredores ou com a biblioteca, como se tivesse vindo de fora e se instalado ali. Eu estava olhando para algo que com certeza não vinha da Autora.

Respirei fundo, ainda sentindo um turbilhão de emoções que mal saberia nomear, e olhei à minha volta. De relance, olhando para o lado de fora, me deparei mais uma vez com as portas queimadas dos corredores.

Olhei para o fogo e minha mente trabalhou mais do que nunca. Talvez fosse isso. Nem o fogo, nem a água e nem nada tinha sido capaz de destruir o livro de Relicta até então, mas eu tinha certeza absoluta de que *aquele* não era um fogo qualquer, mas sim era a única coisa capaz de destruir aquele mal.

Eu precisava queimar o livro de Relicta, precisava queimá-lo com aquela chama dourada e incandescente diante de mim.

Pense, pense, pense... Como eu levaria o fogo até a biblioteca?

Olhei para os tapetes atrás de mim e torci para que não fossem tão inflamáveis quanto pareciam. Saí do pátio hipnotizante e me ajoelhei diante de um deles, enrolando-o até se tornar uma tocha improvisada e *muito* duvidosa. Tinha quase certeza de que corria o sério risco de morrer queimada com aquela loucura que passava por minha mente.

Caminhei até a mesa de pedra com a tocha em mãos e, me esforçando para não tremer, coloquei a ponta da tocha no fogo dourado — que aumentou ainda mais ao entrar em contato com o tecido. Recuei, assustada, mas assim que me recuperei do susto, notei que o fogo não se espalhava ferozmente e nem me consumia com ira. Ele queimava a ponta do tapete sem causar um único dano no tecido, sem precisar queimá-lo para se manter aceso.

Por um momento, duvidei que aquilo fosse funcionar. Se a chama não estava queimando o tapete, como queimaria o livro? Mas empurrei a dúvida para fora de minha mente; parte de mim tinha plena convicção de que aquela era a resposta.

Assisti à chama bruxuleante brilhar na ponta de minha tocha por um tempo, encantada. Depois de admirá-la, me afastei, decidida a terminar o que havia começado.

Percorri todo o caminho de volta, seguindo os tapetes bagunçados até a biblioteca. Agora que eu estava tão ansiosa, o caminho de volta parecia mil vezes maior do que na ida, mesmo que eu estivesse correndo em velocidade muito maior.

Quando finalmente alcancei a porta da biblioteca e a abri, ansiosa, murchei com a cena que me aguardava: enquanto estava fora, a biblioteca com certeza sofrera com mais tremores destrutivos. Agora a passagem para dentro da biblioteca era impossível, estava tomada por escombros. Entre pedras e tijolos, enxergava no fim do corredor o altar com o livro, ainda de pé.

Neguei com a cabeça, sentindo meu coração se partir. Não, não agora que eu estava tão perto. Eu precisava apenas chegar até o livro...

Tentei remover os destroços que impediam a passagem, mas era impossível. Madeira, papel de parede, tijolos, tudo tapava a passagem e me separava do altar que guardava o livro, no outro lado da biblioteca. Não havia jeito, seria impossível chegar até o altar.

Pisquei algumas vezes, desconcertada e inconformada. Andei sem sair do lugar, em busca de uma solução. Olhei em volta, desesperada, pensando em talvez tentar abrir novamente cada porta que encontrasse, a fim de achar alguém que me ajudasse a remover os destroços.

Sim, era aquilo que eu faria. Caminhei até a porta mais próxima, decidida, mas antes que pudesse bater e implorar, notei novamente a coloração da madeira. Preta, queimada.

Olhei para as portas ao meu redor e mordi o lábio. Não... não poderia ser... iria destruir tudo ainda mais.

Sem certeza nenhuma, mas movida por um instinto que não parecia vir de mim mesma, caminhei lentamente até a porta da biblioteca.

Parte de mim implorava para que minhas pernas parassem, para que eu tirasse aquela ideia insana da cabeça, que eu parasse naquele instante de andar. Entretanto, a outra parte não obedecia. Era movida por uma convicção que beirava o irracional, mas que, ao mesmo tempo, ultrapassava-o.

Eu não conseguia passar para dentro da biblioteca, mas minha tocha, sim. Encarei uma fenda mais larga entre os escombros e estiquei a tocha para dentro, respirando fundo. Se eu a soltasse, sabia o que aquilo significava: não somente o livro de Relicta seria queimado, mas também tudo ali dentro — meu próprio livro e todos os outros —, tudo seria consumido pelo fogo.

Mas somente então haveria esperança.

Fechei os olhos com força e soltei a tocha para dentro da biblioteca destruída.

# — CAPÍTULO 7 —

Mais cedo do que imaginei ser possível, o cômodo começou a se encher de chamas douradas. Recuei, assustada, com o calor emitido e assisti ao crescente brilho cintilante do fogo se espalhar pelo corredor e pela biblioteca, engolindo em seco.

Quando me dei por conta, estava ofegante. Meu coração batia forte como dez tambores e minhas mãos suavam, esquecidas ao lado do corpo enquanto meus olhos contemplavam a visão atemorizante diante de mim. A biblioteca toda, em chamas.

Mordi o lábio e esperei, me firmando na crescente convicção de que havia feito a coisa certa. Mesmo que minha história fosse esquecida, aquela seria a única chance de algum dia outras serem contadas pela Autora.

Eu senti quando as chamas chegaram ao meu livro.

Pensei que cairia no chão, de dor, quando isso acontecesse — como quando os personagens estavam sendo atingidos pela Praga —, mas não era aquilo que estava acontecendo. Fechei meus olhos com a curiosa sensação do fogo, que queimava meu livro, ardendo dentro de mim. Era como se o fogo queimasse meu interior e pulsasse dentro de mim, trazendo vida, não morte. Eu queimava, sentia que a chama fazia parte de mim.

Caí de joelhos e me apoiei no chão com a sensação sufocante, mas sem desejar que ela passasse. Ela se intensificou até que eu, por fim, perdi a consciência.

Quando acordei, a primeira coisa que fiz foi tossir. Pisquei algumas vezes, surpresa e confusa por sequer acordar. Tudo ainda estava sem foco, e eu me senti tonta e estranhamente leve.

Assim que fiquei mais consciente do que estava acontecendo, tentei me levantar num pulo, ansiosa, apenas para sentir minha visão escurecer por ainda não ter me recuperado completamente e acabar cambaleando. Fiquei apoiada na parede por alguns segundos, deixando a tontura passar por algum tempo antes de

erguer os olhos para a biblioteca, ansiosa. A visão diante de mim me deixou desconcertada.

A porta — completamente queimada, como várias outras — estava aberta, exibindo uma biblioteca sem escombros, com a passagem livre. Entretanto, o que mais me surpreendeu foi que ela não somente não estava mais destruída, como também tudo estava simplesmente lindo. Deslumbrante talvez fosse a palavra certa.

Já não era mais a biblioteca destruída, tampouco a mesma que eu havia encontrado no primeiro momento em que cheguei ali. Tudo estava diferente e familiar, se aproximando muito mais do pátio — em aparência — do que antes.

O piso de madeira listrada e as paredes estavam novos em folha, como se o papel de parede nunca tivesse sofrido os impactos de terremotos ou das chamas douradas.

A decoração, apesar de familiar, era nova. Caminhei para dentro do corredor, não deixando de reparar na porta, que se fechou atrás de mim assim que entrei. Notei que o corredor estava longo novamente e várias portas haviam voltado a completá-lo, com placas douradas exibidas em cada uma delas. As paredes eram mais claras do que outrora, as maçanetas mais brilhantes. O que antes tinha um aspecto antigo, estava então novo em folha.

Assim que terminei de atravessar o corredor, parei por alguns segundos diante da biblioteca reformada. Cada mancha causada pela Praga havia sido removida, os móveis destruídos não haviam sido simplesmente consertados, mas substituídos por novos. Quadros voltaram a preencher as paredes, exibindo belas cenas das histórias da Autora.

Pisquei algumas vezes, me emocionando com a beleza do lugar. Por fim, caminhei até o Globo de vidro, surpresa com ele. A rachadura não havia sido desfeita. Ao invés disso, fora preenchida com ouro puro, como uma cicatriz dourada no vidro. Notei que o local agora tinha um brilho dourado e, quando olhei para o teto, observando melhor as paredes, vi que a iluminação toda vinha de várias pequenas tochas de ouro — que guardavam o brilhante fogo dourado, iluminando a biblioteca.

Girei no lugar, contemplando melhor a visão. As prateleiras estavam cheias e os livros mais belos e novos do que nunca; todos eles, até mesmo os que haviam sido tomados pela Praga.

Enquanto aprendia mais sobre o mundo da Autora no mês em que passei meus dias lendo ao lado de Tátia, ela me explicara que lá não existia magia. Mas naquele momento, contemplando a reforma ao meu redor, feita — e disso eu tinha certeza — pela chama dourada, pensei melhor sobre o assunto.

Se aquilo vinha de fora da mente da Autora, não tinha sido criado por ela. Vinha de seu mundo e, olhando para a biblioteca deslumbrante ao meu redor, não conseguia encontrar qualquer resposta senão magia para tudo aquilo.

Coloquei a mão na boca, contra o sorriso que se espalhava pelo meu rosto. Pulei no lugar quando ouvi o som de portas se abrindo e me virei, surpresa. Das portas dos quartos, saíam todos os personagens que antes habitavam a biblioteca.

Aos poucos, confusos, olhavam ao redor e uns para os outros sem entender muita coisa.

Assim que a avistei, abri um largo sorriso, e a Rainha fez o mesmo ao me ver. Corremos em direção uma à outra e nos abraçamos, aliviadas.

O tempo que se seguiu — que eu não saberia dizer se tratar de meses ou horas — foi repleto de comemorações e festa, uma narração detalhada de como tudo aconteceu e uma exploração coletiva na nova velha biblioteca.

O altar, também reformado e refeito de pedra — assim como a mesa do pátio misterioso —, estava vazio e todos suspiramos aliviados quando vimos que o livro de Relicta — e a própria Relicta — não estava em lugar algum. O livro havia sido de fato destruído pelo fogo.

Depois de muito comemorar e muito conversar, voltando lentamente para uma rotina normal — ou pelo menos tão normal quanto aquela biblioteca poderia ser —, a luz do Globo de vidro tremeluziu pela primeira vez em muito tempo.

Todos ficaram em silêncio e, devagar, se reuniram ao redor do Globo de vidro como tantas vezes antes. O observamos atentamente, porém dessa vez sem medo, apenas com esperança. Todos soltaram uma exclamação coletiva quando a luz voltou a tremeluzir. Era ela, a Autora iria voltar a escrever alguma coisa.

Prendemos a respiração e olhávamos do Globo de vidro para o altar o tempo todo, cheios de expectativa.

Quando enfim lhe assistimos abrir seu computador e começar a digitar, ela de repente desapareceu — pelo menos para mim.

E então eu sobrevoava o céu sentindo o ar frio cortante contra meu rosto, em contraste com o calor do enorme dragão que me levava em direção ao fogo e à fumaça vinda da batalha debaixo de mim. Pisquei algumas vezes, confusa, com a estranha sensação de ter sido abduzida por um instante.

Abduzida.

De onde vinha aquela palavra?

"Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: é meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus."

Zacarias 13:9

### — EPÍLOGO —

Estavam todos tão admirados com o Globo finalmente brilhando mais uma vez, que mal repararam na personagem que repentinamente desapareceu. Até que o som abafado do livro pousando no mais novo altar de pedra chamou a atenção de alguns deles, que rapidamente se reuniram ao redor da história sendo escrita diante de seus olhos.

A ilustração da garota de cabelo preto montada em um gigante dragão branco ocupava metade da página, e todos liam admirados a história de Mai Abramov — seu nome agora era claro e legível para quem quisesse ler.

Mai não voltou mais para a biblioteca. Sua história foi oficialmente a primeira a ser terminada pela Autora, e nenhum dos personagens ali tinha qualquer reclamação quanto a isso. Estavam tão animados por uma história ter sido finalmente terminada que não ousavam se queixar por não ser a sua própria.

Não poderia dizer que, a partir de então, nenhum personagem foi esquecido ou que todas as histórias foram terminadas, muito menos que nunca mais chegaram novos personagens à biblioteca. Apesar das reclamações de alguns personagens ali e outros aqui, nenhum deles realmente voltou à total desesperança como tinha sido outrora.

O que importava era a chama dourada, isso eles sabiam. Tinham certeza que, enquanto ela continuasse queimando e iluminando a biblioteca, eles estariam seguros. A Praga não retornaria.

#### **AGRADECIMENTOS**

Durante toda a minha vida — ou pelo menos durante a parte dela em que eu já estava decidida a escrever — eu tinha certeza que não escreveria um conto ou história curta. Nunca. Jamais.

Mas eis-me aqui, mais uma vez me vendo provada errada pelo Senhor, para minha alegria.

Essa história surgiu durante uma crise existencial. Eu queria escrever, mas não conseguia de jeito nenhum, uma espécie de culpa me perseguia o tempo todo e enquanto escrevia eu me lembrava das coisas que já tinha escrito antes, dos meus pecados e da forma como já usei antes o dom que o Senhor me deu para o benefício da minha carne.

Sempre que digitava, o medo de não estar agradando ao Senhor com minhas ideias me consumia e eu acabei travando por completo.

Na minha mente, eu tinha clareza de que o Senhor estava me chamando para contar histórias, mas meu medo de errar era maior do que meu anseio de fazer Sua vontade.

Então, depois de anos criando e imaginando os mais diversos personagens, todos cheios de honra, coragem e bravura, eu me vi como aquele coadjuvante covarde que trai o protagonista ou faz alguma besteira do tipo. Eu estava dando às costas a tudo aquilo que o Senhor já havia depositado em mim e confirmado no meu coração.

Como tantas vezes antes em minha vida, meu medo de fazer a coisa errada estava me impedindo de fazer a coisa certa.

Então eu congelei, entrei em parafuso e chorei no banho.

Foi então que a ideia da coisa toda apareceu na minha cabeça, como aquele passe de mágica que nós, cristãos, chamamos de condução do Senhor.

Eu podia ver aquela Autora em crise — eu — e aquela protagonista que fazia besteira — eu também! —, as duas tentando consertar a imaginação quebrada da Autora.

Isso eu podia ver claramente. Tudo o que eu sabia era que, se conseguisse solucionar o problema da Autora em minha história, conseguiria consertar o meu próprio.

Eu não sabia qual seria o final até de fato escrevê-lo, muito menos o que faria com essa história depois que terminasse. Tudo o que eu sabia era que o Senhor estava tentando me mostrar alguma coisa. E conseguiu.

Junto com Mai e a Autora eu percebi que dentro de mim não haveria qualquer resposta para o meu problema, por mim mesma eu jamais solucionaria a causa dos meus tormentos.

Foi a primeira vez que me vi totalmente dependente do Senhor para criar algo. Eu não tinha nada e Ele me mostrou tudo.

Às vezes são apenas nesses momentos em que estamos de mãos vazias diante de Deus é que percebemos que, na verdade, pouco importa o que poderia ter em nossas mãos, de pouco proveito são nossas ideias geniais e viagens mirabolantes, o que de fato importa é o que o Senhor quer por em nossas mãos e o que faremos com o que recebemos dEle.

Sou muito grata ao Senhor por isso, por me mostrar minha pequenez, fragilidade e vulnerabilidade, por me fazer forte em meio a minha total fraqueza. Sou grata por poder ser usada por Ele, por poder glorificá-lo através de minhas histórias e poder compartilhar pelo menos um pouquinho de sua infinita grandiosidade com minhas palavras no papel (ou na tela, não sei como você está lendo isso).

Se uma única pessoa, ao ler isso, for tocada pelas palavras, personagens ou qualquer coisa que encontrou nessa história, estarei satisfeita

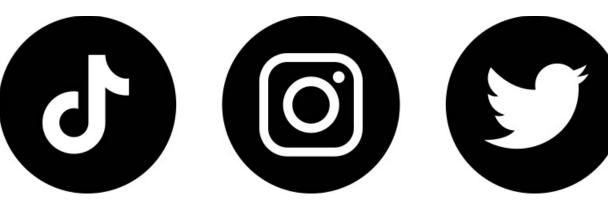
Não posso dizer que todo o medo de errar desapareceu, pelo menos não no presente momento em que escrevo isso (espero que até chegar até você eu já tenha superado isso um pouco mais), mas tenho aprendido

a fazer as coisas mesmo com medo, mesmo incerta e mesmo tendo crises existenciais no banho com mais frequência do que gostaria de admitir. Mas escrever essa curta história me lembrou de que não é de mim que deve vir qualquer ideia, inspiração ou coragem. Espero que lembre você também.

Obrigada Senhor, por escrever minha história de forma tão maravilhosa e por me permitir te glorificar através dela.

Também quero agradecer algumas pessoas que, durante meus momentos mais difíceis, lutaram para me resgatar e, com amor, me ajudaram a levantar, me inspiraram e apoiaram à escrever: Tita, obrigada por ser minha amiga mesmo antes de eu entender o que era amizade, sem você essa história não existiria. Breno e Gisele, obrigada por seu cuidado, carinho e paciência comigo, por todo o amor e dedicação que vocês derramaram e seguem derramando sobre a minha vida.







@gaaabcampos